

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
MUSEU IMPERIAL

ANUÁRIO  
DO  
MUSEU IMPERIAL

VOLUME 36 1975



PETRÓPOLIS

1982

*Diário da viagem do Imperador  
D. Pedro II a São Paulo*

*Celso Maria de Melo Pupo*

Agosto de 1875

Existe no Arquivo Histórico do Museu Imperial, entre os documentos doados pelo Príncipe D. Pedro Gastão, uma série de apontamentos de D. Pedro II escritos em forma de diário durante suas viagens no interior e fora do Brasil.

Um deles é o constante do Cat. B. M XXXIX, D-1059, nº 16, no qual descreve o Imperador a sua viagem a São Paulo em agosto de 1875.

Divulga o *Anuário do Museu Imperial* a íntegra desse documento atualizada a ortografia e pontuação para maior facilidade da leitura.

Ao texto de D. Pedro II foram acrescentados introdução e eruditas notas explicativas, devidas ao historiador campineiro Celso Maria de Melo Pupo, correspondente do Museu Imperial, que se dedicou ao trabalho com o espírito de pesquisa já revelado em escritos anteriores, elucidando e ampliando os, por vezes, insuficientes apontamentos do apressado Imperador itinerante. Vão essas notas identificadas com as iniciais do autor — M.P.

A elas, com permissão do anotador, julgou a redação do *Anuário* oportuno acrescentar outras, devidamente identificadas com a sigla — M.I.

## INTRODUÇÃO

Suas Majestades chegaram a Santos dia 17 e desembarcaram, sendo recebidos pelo Presidente da Província, Sebastião José Pereira (1), e autoridades, sob aplausos do povo e demonstrações de alegria e entusiasmo. Depois de orarem na Matriz, hospedaram-se em casa do Barão de Embaré, depois Visconde do mesmo título, Antônio Ferreira da Silva; feito um passeio pela cidade, partiram para São Paulo as 14:15, onde desembarcaram perante grande multidão de povo que os aclamou com delírio. Hospedaram-se no Palácio do Governo de onde saíram para suas orações na Sé, sendo recebidos pelo Cabido.

A grandeza de espírito do nosso Imperador se revela na forma modesta

de suas anotações que objetivaram os problemas de interesse coletivo do seu Império, esquecido daquilo que engrandecia a pessoa imperial, como as demonstrações de sua popularidade, sempre manifestadas por multidões.

Suas Majestades vinham conhecer uma renovada capital de São Paulo; coube ao Presidente da Província, João Teodoro Xavier (2), sucedendo ao Conselheiro Pinto Lima, reformar a cidade dando-lhe grandes melhoramentos, reconstruindo o paredão do Carmo, embelezando as margens do Tamanduateí com a sua Ilha dos Amores, reformando o Jardim Público, até então chamado Jardim Botânico, construindo um vasto prédio na Rua do Tesouro no qual, mais tarde, se instalou o Tesouro do Estado, incentivando, com tudo isso, uma transformação que a cidade jamais conhecera.

Neste mesmo governo provincial, inauguraram-se o serviço de bondes, a iluminação a gás e o sistema de esgoto, iniciando-se o abastecimento de água e construindo-se mais um teatro, o *Minerva*, para secundar o antigo e clássico São José, inaugurado em 1864, na Praça João Mendes. João Teodoro procurou incentivar a indústria e atrair ricos fazendeiros e capitalistas para que construíssem seus palacetes e residissem na capital; é ele considerado o primeiro governo da época imperial de grande empenho no desenvolvimento de São Paulo. (Almeida Nogueira, *Tradições e Reminiscências*, IV-265, Afonso d'Escragnolle Taunay, *História da Cidade de S. Paulo*, 204 e A. de Almeida Prado, *Crônica de Outrora*, 126).

Na década anterior, havia Augusto Emílio Zaluar, *Peregrinação pela Província de São Paulo*, 138, anotado que: "além dos notáveis edifícios e de alguns belos templos que adornam a cidade de São Paulo, as suas ruas principais são largas, bem calçadas, e nas suas, pela maior parte, elegantes lojas, encontra-se uma profusão de tudo quanto se pode desejar, tanto para satisfação das exigências da vida como para os desejos mais requintados do luxo e da moda, quase pelo mesmo preço por que se compra na corte".

## INTRODUÇÃO

Suas Majestades chegaram a Santos a Santos dia 17 e desembarcaram sendo recebido pelo Presidente da Província, Sebastião José Xavier (1), e autorizadas, sob o pretexto de povo e demonstrações de alegria e entusiasmo. Depois de serem na Matriz, hospedaram-se em casa do Barão de Estância, depois Visconde do mesmo título, Antonio Ferraz de Sá e Castro; logo um passeio pela cidade, partiram para São Paulo as 14 h, onde desembarcaram perante o Palácio do Governo do qual se retiraram para suas estâncias de São Paulo, recebidos pelo Cabido.

A gratidão do espirito do povo impetrou-se para as formas modestas

## DIÁRIO DE D. PEDRO II

18, às 6,3/4 — Term. 48° fora da janela, 8 da noite 62° F.

Descida do Carmo com diversos socalcos e escadas — tudo muito bem arranjado e de linda vista.

7 h. saída a pé. Passeio lindo das margens do Tamanduateí. Jardins na Ilha dos Amores onde pouco estive. Pintaram escadas, bancos, etc. Mercado (triste coisa) (3).

8 — Curso jurídico. 9 — Vim almoçar. 10 — No curso jurídico (4). Ouvi todos os lentes. Professor Magalhães Castro (5) deu lição ao João Teodoro. Vi o edifício muito melhorado e com obras e a exposição que aí está é muito curiosa (6). Depois, Penitenciária (7) (células [sic] muito estreitas. Solitária sem ar,) rações diminutas. Instituto dos meninos artífices, defronte da igreja do Brás (8). Tem 60 e tantos que são bem tratados e tocaram na banda. Voltei à casa.

3 — Fomos ao alto do Ipiranga. Alicerces (9). Colhi raminhos.

4,1/2 — Tendo chegado à casa fui à Casa de Caridade sob os cuidados de 6 *Soeurs de St. Joseph* (10). Muito bem arranjada. 50 e tantos doentes. Vista do jardim sobre a várzea.

5,1/4 — Jantar. 6 às 8 — Recepção. Alemães com archotes e deputação de congratulações (11). Cantaram, porém mal. Depois, teatro. De 4 ordens e grande. Representaram uma zarzuela de 3 atos que já vira no Rio. Chegada à casa às 11h.40! 60° F.

19, às 6,1/2 — 59° fora da janela. 7hs. — Seminário Episcopal (12). Linda posição do Quiosque do Observatório de Fr. Germano de Annecy. Os eixos dos pilares que sustentam o Quiosque são perpendiculares aos rumos das principais povoações cujos nomes foram colocados correspondentemente. No Quiosque há uma pequena luneta meridiana com que Fr. Germano já observou passagens de astros. Relógios do sol e da lua marcando horas e estações e um numa parede do seminário indicando o meio-dia em São Paulo e diferentes lugares da terra; até ilhas Marquesas. Bonita igreja. Gabinete de física e de história natural sofrível. Fr. Germano há dez anos que faz observações meteorológicas. Jardim bem plantado. Dá bem o

carvalho branco. Rua de bambus. Moinho de vento para tirar água do poço. Hei de mandar um cronômetro, e agulha de variação a Fr. Germano, que é saboiano. O Reitor é Fr. Firmino de Centellas, catalão, mas que residiu muitos anos em França.

Fábrica de fundição até 1.000 quilos de Berlinus Hund (13). Veio pobre para São João de Ipanema e já tira da fábrica 20 contos livres, anuais.

Fábrica de fiar e tecer algodão de Pais de Barros, filho do Barão de Piracicaba, que aí estava (14). O Dr. Olegário acompanhou-me. 2.000 e tantos fusos, 50 teares, que não trabalham todos. Algodão tecido de 3 qualidades para roupa grossa. Faz agora 1.500 metros por dia. 60 trabalhadores. 40 mulheres. Máquina motora do sistema Corliss de Bolton, aparecida pela primeira vez na exposição de Paris de 1867.

Litografia de Jules Martin (15) que ofereceu-me a carta de Habersham feita na sua casa (16). Trabalha também em cromolitografia. Tem litografado muita música.

Casa da Relação bem situada quanto à vista e bem arranjada (17). Almoço.

10 h. — Fui ver o hospício dos alienados. Tem 71. Aumentou-se e ficará bom. O administrador Alvarenga parece zeloso. Os cubículos por ora têm pouco espaço (18). Quartel de Polícia pessimamente localizado no Convento do Carmo. Vi a igreja. Quartéis das Companhias fixas de Infantaria e de Cavalaria. O primeiro revela melhor comandante. O de cavalaria é novo; chegou antes de ontem; ambos com o depósito de cangalhas bélicas no mesmo edifício.

Cemitério perto da igreja de Nossa Senhora da Consolação (19). Bela posição. Alguns túmulos bonitos. O de Monte-Alegre desleixado (20).

Lazareto de bexigentos muito longe e em casa de pau-a-pique, péssimo (21). Felizmente os doentes estão quase bons e os novos iam para o antigo Seminário de Sta. Ana, além da ponte do Tietê.

Fábrica de chapéus de Fischer na Rua Direita (22). Bem montada com 50 trabalhadores — Algumas mulheres e meninos. Faz todo o gênero de chapéus e já tira renda anual de 150 contos. Repartições que estão no edifício do Palácio (23).

Saimos antes da 2,1/2. Seminário da Glória das *Soeurs de S. Joseph*, tem 100 (24). Tudo muito bem arranjado. Algumas recitaram fábulas em francês. Diretora Anne Felicité de Chambery. Instituto de D. Ana Rosa, (25) que administra o Senador Sousa Queirós (26). Já o estabeleceu em casa sua enquanto não obtem o Convento do Carmo, que reparado serve muito bem. Tem já bastantes meninos aprendendo 1as. letras, música instrumental e ofícios. Igreja bonita do Convento da Luz (27).

Ponte grande do Tietê e depois depósito de imigrantes (28). Havia aí 168. Já estiveram lá mais de 3.000. O administrador Fernandes parece-me zeloso, porém há várzea alagadiça perto. Bonita gente; a nacionalidade

principal, a italiana. Vi uma rapariga de Nápoles, doente, muito engraçada. Parece que tem bexigas. Um italiano tocava o Hino brasileiro, gaita de pau presa ao peito, sobre a qual passava a boca, zabumba tocada com o cotovelo, pratos e triângulo com uma cordinha presa ao calcanhar direito.

Passeio público (29). Plantação aumentada. Torre que lembrou-me o pagode de Kew-Garden. Tem 112 degraus. Vista soberba de cima onde se está muito à larga. Lanço das escadas, doces. Jardim dos Amores, onde vamos à casa de banhos, para mergulhar e de chuva.

Jantar das 6 até às 8. Gente. *Te Deum* na Matriz pregando o Cônego Justino de Andrade, lente substituto do Curso Jurídico (30).

Teatro Provisório muito pequeno, onde Amoedo e outros representaram sofrivelmente *A Filha Única*, do autor da *Estátua de Carne*. É boa peça (31).

É 1h. 5' da madrugada de 20; o termômetro marcou, fora da janela, 59°.

20 — 5h.10' — Term. que ficou toda noite fora da janela, 58°.

Partida de São Paulo às 6. Comida na boca do túnel de Pinheirinhos. Na saída, é o ponto mais alto da estrada, 155 metros acima de São Paulo. Sorocaba está abaixo daquele ponto 356. Pouco depois do túnel, curva de 80m de raio. Há bastantes e ásperos [sic] na estrada e bastante declive, o maior de 1 em 50. Tem abatimentos nos aterros e os trilhos beiram quase a estes, que se fendem. Há 2 túneis além de Pinheirinhos.

Chegada a Sorocaba ao meio-dia. Daí a pouco fui à Casa de Caridade (32). Muito pequena e com 7 doentes. Mal cuidada.

A Casa da Câmara, boa. Havia 17 presos (33).

Máquina de Maylaski (34) de fazer os fardos de algodão, depois de descarocá-lo em 3 máquinas. A de comprimir o algodão ainda é movida a mão. Emprega o caroço como combustível da caldeira, tem 30% de abatimento comparado ao carvão. Já teve ano de enfardar de 80 a 100.000 arrobas de algodão. É grande produção de [sic] ao redor de Sorocaba.

Colégio de meninas de uma sociedade particular. Também Maylaski entra nisso. 16 meninas. Há uma mestra alemã que pareceu-me inteligente.

Estação da estrada de ferro, que é boa. Fábrica de chapéus de Antônio Rogisch (35), meu conhecido de Carlsbad. Casa muito bem arranjada. Associou-se a um Nasel que foi trabalhador com ele. Parece excelente gente. 40 trabalhadores. Pode fazer 60 chapéus por dia; a fábrica do Fischer tem uma máquina de formar o chapéu lançando por sopro o pelo sobre a forma que gira, a qual não possui Rogisch.

Cemitério em posição alta com bonita vista.

Voltei à casa e saímos às 3,1/2 para a cascata que é muito pitoresca. Mau caminho para carro.

Jantar às 6. O Dr. Adams (36) nada adiantou quanto ao terremoto. Assevera que muita gente saiu para a rua espavorida e que caíram muros

velhos (37). Ninguém percebeu que o solo tremesse e apenas oscilações de objetos.

Os estrangeiros com bandeiras e música saudaram-me da rua falando o Maylaski. Recebi das 7 às 8. *Te Deum*, música detestável.

11h. — Chego do Teatro de São Rafael muito sofrível. Só assistiu [sic] a 2 atos da peça. A mesma companhia de Amoedo.

O Dr. Adams disse-me que fez a operação cesariana por causa de um feto extra-uterino de 14 meses [sic]. A mulher apesar de ulcerações intestinais ficou boa. Colhi folhas na cascata.

11,1/2 da noite, fora da janela 61<sup>o</sup>.

21 — 6h. Partida. Chegada a Ipanema (38), de vitória, às 8. Fornos altos e oficinas. Almoço. Em trole à oficina de ustulação e pilões, pelo caminho do mato; pedreira de ferro, de cal camadas inclinadas concordantes com as que se acham a 2 léguas do lado de Sorocaba. Nem mesmo com microscópio se tem descoberto vestígios de fósseis. Volta à casa.

Saída a cavalo até a Pedra Santa, grande massa de camadas de grés, que não é do vermelho. Ao pé há uma massa de granito porfiróide, que errou da serra a bastante distância. Debaixo da Pedra Santa dormia o Monge da Gávea. Lanche.

Saída de trole. Vi as carvoeiras e os limites das terras da fábrica, 2 léguas quadradas com bons matos, chegando à casa às 7 pela estrada que segue para Porto Feliz. Vi a escola, que de noite é de adultos, mas onde se reuniram as crianças que estudam de manhã. Há 47 matriculadas.

Cadeia e Fundação.

Jantar. Discussão sobre a melhor direção da estrada de ferro para a cidade de Tietê, entre mim, o Presidente da Província e o Juiz Municipal de Sorocaba, Toledo (39), moço muito inteligente. São 10,3/4. Vou deitar-me. Term., fora da janela, 64<sup>o</sup>. Chega no inverno a gelar.

22, 4,3/4 da manhã, 61<sup>o</sup> fora da janela. Parto às 5 para Sorocaba. Chegada às 7 a Sorocaba. Falei a um suíço Budicken, engenheiro que me deu uma vista de Sorocaba e tem carta de recomendação do Presidente da Confederação Suíça, Schenk, e a um Luís Delfino que cria abelhas. Tem 800 cortiços e disse-me que a abelha que dá mais cera é a *Mumbuca*. Disse-me que aprendera a tratar as abelhas na quinta da Boa Vista morando com o pai no Pedregulho. Há outros em Sorocaba que possuem 200 a 300 cortiços. Referiram-me que São Paulo já não importa cera.

Ouvi missa na Matriz e parti às 8 para São Paulo. Chegada ao meio-dia 1/2. Coberto de pó mudei-me e fui ver o Convento de São Bento. Repararam-no. Não achei as pinturas antigas (40).

Depois, à fábrica do Dr. João Ribeiro (41) de fazer tijolos, telhas, painéis, etc. e pedra artificial com ornatos (42). Os fornos admitem 80.000 e

30.000 tijolos. Faz telhas francesas. O sócio Clavel está em França e quer admitir todos os melhoramentos. É fábrica importante.

Vi a marcenaria de Sydow (43). Tem máquinas das mais aperfeiçoadas. Visitei a triste casa dos lázaros. É uma senzala. Há de ter muito frio. Almoçam um pão de 2 vinténs com água e açúcar. Há 6.

Depois a casa de Carlos Rath, velho (44). Tem coleção curiosíssima do que achou nos *sambaquis*. Merece ser estudada melhor que no folheto que ele publicou e eu li na volta de Sorocaba.

Enfim, o edifício que se fez sob a direção do Quartim (45) para vacaria [?] e mercado — o lugar é central e entre ruas apertadas — a Escola Normal e Tesouraria Provincial em cima! (46). O primeiro andar descansa sobre colunas e abóbadas de tijolo.

5,1/4 — jantar. De 6 às 8 recepção. Vi as folhas da planta da estrada de ferro para Bragança.

Fui às 8 à Associação Propagadora da Instrução (47). Tudo fechado, apesar de ter sido prevenido o Dr. Leôncio — é verdade que é hoje domingo.

Teatro de São José. Assisti somente a ato e meio da zarzuela. Vento muito frio. Às 7,1/2 marcou o termômetro exposto ao ar do lado que não venta 61°. O mesmo que há pouco.

23, 5h,1/2 Term. noite fora 51°. Parto às 6 para Jundiaí e Itu. Chegada a Jundiaí às 7,1/2. Reza na matriz. Almoço em casa do Queirós Teles (48).

Partida às 9. Caminho bonito à margem do Jundiaí, que às vezes corre por baixo de pedras. Chegada a Indaiatuba cerca das 10. Eu só tomei pelo ramal de Capivari, ficando alguém (49) na estação de Indaiatuba. Este ramal tem obras de arte que não há na linha de São Paulo e Jundiaí onde contudo se passa um túnel de 600 metros. Ontem houve um desmoronamento numa cava de terra muito friável que se desfazia com trepidação da passagem do trem. Pelo ramal de Capivari fui até à estação de Monte-Mor (50), antiga *Água-choca*. Esperei debalde por segunda locomotiva para volta. Tardando ela julguei o caminho impedido, mas felizmente, depois de 3 horas de demora na estação de Monte-Mor, pudemos seguir logo que chegou a notícia que a segunda locomotiva arrebentara o tubo de injetor pouco distante de Indaiatuba.

Aí cheguei depois das 4 e a Itu passadas 5 horas. Brillante recebimento. Já vi à testa de sua música o Elias Lobo (51), da *Noite de São João*.

Depois do jantar fui ao *Te Deum*. Acabo de falar com o vigário Miguel (52), meu conhecido e vou descansar.

Estive em casa do Queirós Teles na Rua do Comércio. O frio em Jundiaí chega a zero. Em Itu somente a 38 F. O mais velho dos filhos do Queirós Teles, Barão de Jundiaí (52A), vai montar nesta cidade uma fábrica de fiar e tecer algodão com 36 teares.

Dentro do quarto, 68°. A estrada de ferro atravessa o Tietê distante do

Salto. Segundo o traçado do engenheiro Bennaton (53) fazia-o quase sobre o Salto, o que seria muitíssimo pitoresco. 17h. — Tendo o termômetro ficado fora da janela algum tempo indica neste momento 60°.

24, 6,3/4. 58° F. Fábrica de fiação do Anhaia (54). 500 e tantos fusos e 25 teares. Só pano grosso. Descaroga o algodão.

Teatrinho de 3 ordens com 18 camarotes cada uma e um mais largo no centro da 2ª ordem.

Colégio de São Luís dos Jesuítas (55). Casa grande ainda não acabada. Um leigo italiano chamado Alberani (56), ou coisa assim, fez um pequeno aparelho eletro-telegráfico que já servia para comunicar todo o colégio e pinta uma sala — mediocrementemente. Ouvei alunos: em Filosofia — o Padre Fialho (57), professor, disse-me que ainda não davam Metafísica — Silogismo; Latim — professor Sabbatini (58) que parece-me muito hábil. O rapaz traduziu bem Cícero e Virgílio a livro aberto — e Geometria, professor Aureli — é o Reitor — um menino, Toledo, mostrou muito talento. Vim almoçar às 10.

Casa da Câmara sofrível e cadeia que não me agradou. Poucos presos. O padrão do metro guardado com pouco cuidado.

Volta à casa e saímos para o Colégio do Patrocínio (59) — as mesmas irmãs da Misericórdia. Bem montado — irmãs de São José. Aulas de 1ªs letras de Pereira Jorge — primo do marido da Domitília (60). Os meninos tinham-se ido. Uma professora medíocre. Saletas pequenas para os alunos — e de Latim de Joaquim Mariano (61) é bom professor desta língua como de Francês — os rapazes saíram-se sofrivelmente (62).

Lázarus. Péssima casa. O Padre Bento é muito caridoso para eles, mas também almoçam pão e água com açúcar (63). Bem arranjado.

As meninas recitaram em português e em francês. Chácara de José Elias Pacheco Jordão (64). Pertencia quando estive aqui ao Barão de Piracicaba. Plantação de chá, colhem de cento e tantas arrobas (65). Chupei laranjas, assim como comi excelente goibada.

Estive antes do Patrocínio no sítio de plantar chá de Egídio da Fonseca (66). Colhe de 200 a 300 arrobas.

Pedreira de Itu — Camadas de grés. Salto de Itu. Até a estação do Salto, de estrada de ferro, e depois a pé. Ligeiro iris na poeira da água do Salto. Andorinhas (TAPERÂS) que vêm dormir entre os rochedos pegadas a eles, como morcegos.

Fábrica (67) que já começou a trabalhar, do Galvão. Movida por água do Tietê. 2.600 fusos e 50 e tantos teares. Pano grosso e menos grosso.

Vi as oficinas da estrada de ferro. Jantar. Recepção. Houve gelo desde esta manhã feito em máquina de Caré pelo boticário Teófilo Fonseca. Instituto Ituano Novo-Mundo.

Aberta a aula de 1ªs letras noturna de Pereira Jorge. Vão se abrir as de Matemática elementares professorada por Grey, empregado de estrada de ferro, e de História pátria, do Juiz Municipal de Itu, Assis Pacheco (68).

Biblioteca em princípio. Objetos mandados dos Estados Unidos pelo Dr. José Rodrigues, do *Novo-Mundo* (69).

Conheci João Tibiricá. Moço simpático e que parece ter muita inteligência (70). Estudou química sobretudo na Europa e pretende fazer um curso dessa ciência aplicada principalmente à agricultura.

Elias Lobo e o cunhado, Tristão Mariano, procuraram-me. Aquele tem composto músicas sacras que prometeu-me mandar para o Rio (71). Eles convidam a um congresso de música na cidade de São Paulo a 26 deste para cuidarem da proteção e desenvolvimento da arte.

Almeida Leme (72) mostrou-me um projeto de História de Itu com desenhos dos principais edifícios feitos por ele, que dizem maluco. Talvez a obra seja curiosa (73). Às 10,1/2 da noite fora da janela, 58° Fahr.

25, 5,1/2 no quarto 68°, fora 58° Fahr. Às 6 parto para Campinas. Chegada às 7,1/2 a Jundiaí. Almoço. Saída às 9,1/4.

Chegada a Campinas às 10,25'. Caminho mais bonito. Belo aspecto da estação pela vista e quantidade de gente e de carros. Casa do Joaquim Bonifácio do Amaral excelentemente preparada (74). Almoço.

11h, 35' — Casa que se constroee para Misericórdia por esforços sobretudo do Padre Vieira (75) de quem se diz muitíssimo bem. Dizem que até alguém o assustou de noite metendo-lhe dinheiro na mão (75A). Linda posição. Ficará talvez o segundo hospital do Brasil.

Colégio Culto à Ciência (76). Bem montado. Ouvei estudantes nas aulas de Aritmética, Física, Alemão e Latim. Um estudante pareceu-me distinto por seu caráter estudioso — quis traduzir Tito Lívio apesar de não ser o livro da classe — e passa pelo melhor. O professor de Física Renschler (77) pareceu-me confuso nas idéias. O de Latim é o filho de Hércules Florence (78).

Fábrica de chapéus — faz 300 por dia — de Bierrenbach (79) onde vi um maquinismo para começar o trabalho tão pesado à mão nos tachos de água fervendo. Muito bem montada. Pedi-lhe um chapéu, que ele deu, de pêlo de raton (80) do Rio Grande do Sul.

A fundição ainda é melhor. Tem um martinete automático como não vi no Rio e pretende, misturando ferro da Europa e de Ipanema na fusão, obter fundições cuja superfície seja endurecida por um resfriamento rápido em fôrma de ferro. Pode fazer locomotivas e todo o gênero de trabalhos. Estudam a introdução do processo Bessemer (81). São 4 irmãos. O mais velho nascido em Pelotas e os outros em São Paulo. O pai veio com as tropas estrangeiras no tempo de meu Pai e a mãe viúva foi professora em São Leopoldo.

Fábrica de Sampaio de tijolos por máquina Clayton que faz 4.000 em 5 horas. Tem motor de vapor e de água. Fornos de cozer 80.000 e 30.000. Vi o que resta da antiga fundição. Comunicava-se o escritório com as oficinas por tubos acústicos onde se ouvia à distância de 300 palmos. Sampaio, genro do Três Rios, parece-me muito inteligente (82).

Colégio Internacional Morton (83). Muito bem montado. Ouvi nas aulas de Português professor Pestana (84), Álgebra e História e Latim o Morton, e Grego, Dabney (85), que em 6 meses já fala bem português. Em Álgebra pôs muito bem em uma incógnita de 1º grau e a equação e resolveu-a a rapariga Newmann (86). Vi sobre um *Harmonium* um livro de cantos publicados na imprensa evangélica do Rio.

Cemitério geral e do Sacramento. Nada de notável e não tem capela.

Passei pelos alicerces do novo lazareto de bexiguentos, para que há 20 contos de subscrição, e fui ao atual, muito melhor que os outros. É médico o Dr. Marinho, filho do Dr. Marinho americano.

Depois do Culto à Ciência tinha ido ao gasômetro. Muito bem arranjado. 2 gasômetros. Muito contribue para esse trabalho, assim como para o lazareto, o Tenente-Coronel Quirino dos Santos (87).

Oficinas da Estrada de Ferro Paulista. Melhores as da Ituana. Apenas fizeram reparos.

Colégio de M<sup>me</sup>. Florence (88). Tem três professoras M<sup>les</sup>. Schmid, Kasselmann e Zoega, sueca. Ouvi meninas em Alemão e Francês. A filhinha do Hércules Florence (89) respondeu bem em alemão. É espertíssima. Florence mostrou-me pinturas suas. O retrato por acabar de Carlos Gomes está horrível.

Colégio Perseverança (90) de Cesarino e sua mulher, pardos. Tem muitas meninas e é conceituado.

Matriz nova. Linda obra de talha sobretudo em altares ao lado do arco-cruzeiro. O altar-mór é obra de um Vitoriano, da Bahia (91).

Casa da Câmara e cadeia piores que as que tenho visto.

Perto de 6h. jantar. Conversei durante ele com o botânico boticário Joaquim Correia de Melo (92) sobrinho do Francisco Álvares Machado (93). Tem relações com Bureau, (94) Hooker (95) e outros. Descobriu novamente um gênero de begônia. É um velhinho muito inteligente, vivo e limpinho. Gostei muito dele. Prometi-lhe a remessa regular da *Flora*, de Martius (95A). Depois recepção.

Vieram os alemães cantar *Te Deum*. O pregador é sofrível e vigário da paróquia da Conceição desta cidade (96). Entoou o *Te Deum* Cônego Montenegro (97) irmão do Nova-Lousã.

Procurou-me durante a recepção o Dr. Valentim da Silveira Lopes (98) dizendo-me que o fazia pelo bem que eu tratara sua filha que recitou uma parte do *Misanthropo* de Castilho (99) e é professor de São Cristóvão.

Enfim, teatro que é sofrível. Assisti a 2 atos da zarzuela *O Juramento*. — 1h. 5' do dia 26.

26 — 6,3/4. 58º fora. 7 Saída. Visitamos a Matriz Nova.

Fazenda das 7 Quedas. Vi as casas dos colonos. Parecem prosperar. Sistema de parceria. Conversa longa com Joaquim Bonifácio do Amaral (100) sobre a colônia. Ele sustenta acerrimamente esse sistema. As máquinas

de Lidgerwood para o café estão muito bem montadas e são movidas pela água do ribeirão das 7 Quedas. Almoço.

12,1/4 saída para Nova-Colúmbia, colônia de Montenegro associado a Barbosa (101). O Cônego Montenegro acompanhou-me. Sistema de salário. Poucas famílias. Casas dadas. Só compram roupa para o que lhes dará o produto das roças. Até três meses tem pago as despesas de seu transporte e adiantamentos. Alguns têm voltado a Portugal com 2 e 3 contos. É a mesma organização de Nova-Lousã que tem mais trabalhadores e foi fundada há 8 1/2 anos.

Volta à fazenda de Joaquim Bonifácio. Lanche.

Volta para Campinas às 4h. 10'. Que poeira! Jantar.

Recepção de 6 às 7. Veio a Baronesa de Campinas (102). Os Barões de Três Rios e de Atibaia (103) preferem o sistema de aforamentos de terras aos colonos ao de parceria. Esteve comigo Correia de Melo. Trouxe-me *Memórias*, de Bentham e Hooker (104) sobre trabalhos deles. Disse-me que não pensa que o café amarelo do irmão em Botucatu seja degenerescência porque a baga é maior, porém ele mesmo falou de hipertrofia que aumentasse o volume da cereja.

Fui ao teatro. Cheio como ontem. Zarzuela do *Companone*. Bonita música.

Chegou esta noite o Homem de Melo (105) do Rio e trouxe-me carta do Bom-Retiro sobre o Monumento do Ipiranga (106). Meia-noite. Term. dentro 70° — fora 62°.

27, 6h. — 70° dentro e fora, pouco depois o mesmo. Saída para a estação. Partida para o ramal de Rio Claro. Vai-se até Santa Bárbara, 38km 9 de interrupção por causa da ponte do Piracicaba. Encontrei José Vergueiro (107) e outros entre os quais o Dr. Luís Correia de Azevedo (108) que é médico na fazenda do Vergueiro.

De volta à estação de Campinas, às 10,1/2. 11h.50'. Bênção da estrada depois de ter visto as plantas da estrada e sua continuação até o Moji-Guaçu indo a Piraçununga.

Meio-dia, partida para Moji-Mirim (109). Bela vista de Campinas que a estrada rodeia. Pontes do Jaguari e Camanducaia, porém na estação daquele nome tomei pelo ramal do Amparo até o lugar chamado Francisco Soares 8 a 9k. Volta com 43'.

Segui para Moji-Mirim. Entre 57 e 58k de Campinas vi e colhi pedras que parecem escória vulcânicas no sítio de Joaquim Antônio de Campos. João Tibiriçá tinha me indicado o lugar e disse-me que já reconhecera 3 ou 4 crateras.

4h. Chegada a Moji. Bênção da estação e Launch [*sic*] rápido.

Fui ver o lazareto dos bexingentos. A Câmara mandou tapar com paus fincados a parte da rua onde está a casa e entra-se por uma porteira.

Quase todos os bexingentos vão bem. A casa é a melhor que tenho visto destinada para esse fim. Admite até 60.

Escolas fechadas. Igreja de São Benedito fechada. Cemitério bem situado e com muro. Vai-se fazer a capela, mas tem mato dentro.

Colégio acreditado de Mme. Masson. O vigário que o é desde 1844, sobrinho de Monsenhor Ramalho, não trabalha por causa das bexigas. Há medo imenso.

O Presidente da Câmara, Tenente-Coronel José Guedes de Sousa (110), em cuja casa muito bem arranjada estou, fica longe do lazareto, até foi comigo de carro. Por causa deste, cujos cavalos estão acostumados a trole, fui andei um pouco a pé, à espera das chaves de São Benedito, que não vieram, fui um pouco para o lado do caminho de Mato Grosso.

Passei pela Igreja do Carmo, a melhor, mas em construção. Estava fechada e fui à Câmara. Boa casa. A cadeia tem sala e enxovia. O carcereiro fugiu por causa das bexigas. Do destacamento de 20 praças têm morrido de bexigas, 1 cabo e 2 soldados.

Fui para a casa do Guedes. Jantar e depois de falar com quem queria fui às 8 ao *Te Deum* e voltando, conversei com diversos.

Boa água e cuida-se de conduzí-la a chafariz na praça onde estão a matriz e a casa do Guedes.

Há bonita iluminação nela e um coreto e um pavilhão com músicas. Este tem lugar com cadeiras onde se pode conversar a vontade.

10h.10'. Dentro, 72° e fora, 40. Tem feito calor. Perto do sítio do Camargo(111) vi grande fogo no campo. Talvez prejudicasse cafezais. Estes estão em geral crestados do frio. A terra, na maior parte da linha, é roxa que dizem ser a melhor para o café e pareceu-me decomposição das escórias vulcânicas.

Amanhã às 5h. da manhã parto para Campinas e São Paulo.

28, 4.1/2 da manhã. Dentro 77°, na janela. Há um muro defronte. 76°. 5h. partida. Chegada a Campinas à 7h.20'.

Almoço e às 8 partida para São Paulo. Chegada às 11h.10'.

Visitei as oficinas da estrada de ferro inglesa e a capelinha dos ingleses da estrada, com seu *harmonium* que tocou um dos trabalhadores. Segui para casa e daí fui à fotografia de Gaspar e Carneiro(112). Tirei meu retrato 2 vezes. Creio que não saiu bom.

Antes fui ver na enfermaria um soldado que, dando salvas, perdeu a mão direita por causa da camada [*sic*] que introduziu sem havê-la molhado.

Ouvi no Curso Jurídico (113) os professores Francisco Aurélio (114) de Matemáticas, Galvão Bueno de Filosofia. Muito distinto segue a doutrina de Krause (115). É filho de quem me hospedou em 1846 no Ponto Alto (116). Pinto de Mendonça (117) de História. Leciona muito bem. Vale (118) de Retórica, idem.

Às 1,3/4 chegada à estação da Estrada de Ferro do Norte. [ilegível] fui

até Itaquera (119) distância de 28k. Houve aí lanche e às 3,1/2 volta. [ilegível] os que me obsequiaram nas estradas de ferro e Costa Pinto e mulher para o jantar. Das 6 às 8 recepção.

Fui a conferência do Dr. Barata (120) sobre a vacina no Teatro Provisório. Medíocre e divagou bastante.

Associação Promotora da Instrução Popular. Mais de 400 alunos. Interroguei alguns da aula primária. Responderam bem. Alemão e outras matérias.

Mendes Paiva (121) fez boa preleção sobre a fundação dos Jesuítas em São Paulo e antiga cidade. Vim para casa às 10.40'.

A água de Campinas é muito calcárea. A de São Paulo não me satisfaz a sede. Depois das 8 da noite, term. fora 56°. São 11,1/2. Vou dormir. Choviscou ontem em Moji-Mirim. Esta noite choveu bem em São Paulo. Venta agora.

29, 6h.40'. Fora 56°. Plantações de Carrão (122) para um lado da Penha na distância de légua 1/2 de São Paulo. Julga que fará 60 pipas de vinho e colhe 30 arrobas de chá. Abandona a uva Isabel porque tem pouco açúcar e um gosto desagradável (123). Prefere a todos a Catiba. Vai deixar a vinha alastrar pelo chão. Vinha *Supernoni*. Dá 340 cachos de 20 e tantas bagas do tamanho de laranjinhas. Pôs açúcar no mosto da uva Isabel porém ficou calda. Não crê no processo de Pasteur para conservar o vinho. Pisa em máquina. Tem também muitas árvores frutíferas.

Na volta ouvi missa na igreja do Palácio, almocei e segui para Santos. Neblina na serra. Chegada à 1,1/2.

Às 2h. fui ver Câmara Municipal e cadeia muito boas, as melhores de São Paulo (124). Só notei a célula escura que não tem bastante ar.

Casa de Misericórdia boa, à exceção do quartinho para banhos (125).

Telegrafia elétrica. Esta madrugada houve aqui forte trovoadas e muito chuva. Ainda chovia.

De Petrópolis, disseram tempo bonito, muito quente. Do Rio, nimbo, vento muito calmo. De Iguape, Paranaguá e Porto Alegre, tempo chuvoso.

Quartel dos aprendizes-marinheiros. Tudo muito bem arranjado. O comandante é o Capitão-Tenente Palmeira (126) :

Matriz (127) para ver sepultura de Brás Cubas (128) fundador de Santos e da Misericórdia — 1533 — e de Estêvão Raposo.

Beneficência Portuguesa. Ainda não está de todo acabada. Gastaram com essa casa 80 contos!

Capitania do Porto.

Jantar às 5. Recepção das 6 às 8. *Te Deum*. A Rua do Comércio, onde moro (129), está iluminada a gás no gênero da do Ouvidor no Rio em noites de festa.

Teatro pequeno de duas ordens de camarotes. Companhia Amoedo. É quase meia-noite. Term. fora muito tempo, 66°.

**30** 5h.50'. Fora da janela, 66°. 6,1/4 partida para ver um sambaqui (130) ou *sambagué* no lugar Casqueirinho da família Bueno. Ossos, pedras trabalhadas, conchas, ostras. Volta às 8. Remessa encomendada para o Rio de grande conglomerado de ostras e ossos que parecem de esqueleto inteiro com uma espécie de argila vermelha que sempre indica esqueleto inteiro.

9h.20'. Almoço. 10h. fui, depois de ver a lápide, a São Vicente, tomando bondes em caminho. Tem aumentado do lugar onde estão os ossos ao lado de José Bonifácio (131) no Carmo. A.C. do Carmo mandou pôr a pedra.

Casa da Câmara destelhada pelo vento a 22 de outubro de 1874. Rápido lanche.

Volta em carro pela Barra vendo a capelinha de Santo Antônio do Embaré (132) e depois, em bondes.

Alfândega muito acanhada para a renda (133). Muito boa ponte.

Escola de meninos no Carmo. Má.

Mesa de Rendas Provincial. Praça do Comércio nesse canto. Vi as plantas do cais.

Escola de meninas, sofrível.

Em casa antes das 3. Jantar à pressa para aproveitar o dia na viagem. Vi jorrar água até acima do paredão em que morava à Rua Direita por cima das bocas de incêndio a que se aplicou uma mangueira.

Embarquei (134) antes das 4 e às 4 já estava a caminho afastado de Santos. Andamos em toda a viagem 165 léguas [ilegível]. No caminho para São Vicente vi a fábrica de gás. Bem montada já encomendaram segundo gasômetro.

**31** — Ontem às 9,1/2 passamos por São Sebastião (135). De 1h. por diante trovejou [ilegível] e com relâmpagos e choveu. Entramos a Barra do Rio às 9h11'.

## NOTAS

- (1) Foi o 41<sup>o</sup> Presidente da Província, que governou de 9 de junho de 1875 a 18 de janeiro de 1878. Nasceu na cidade de São Paulo em 1834. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito em 1854. Ingressando na magistratura foi, sucessivamente, juiz municipal em Guaratinguetá (SP) e Alegrete (RS) onde se casou. Em 1870 regressou a São Paulo, por ter sido nomeado Juiz de Direito em Taubaté. Em 1875 assumiu a Presidência da Província, substituindo Dr. João Teodoro Xavier de Matos. Coube-lhe, assim recepcionar oficialmente os Imperadores nesta viagem a São Paulo. Faleceu a 11 de março de 1881. Em seu *Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo*, em 2 de fevereiro de 1876, assim se refere à visita dos Imperadores: "Realizou-se em agosto [1875] a honrosa visita que a Província esperava de SS.MM. Imperiais. No dia 17 desse mês, Suas Majestades desembarcaram em Santos, e, depois de algum repouso, seguiram, em trem especial preparado pela Companhia Inglesa, para esta capital, onde chegaram à tarde. Sua Majestade o Imperador dignou-se de percorrer todas as nossas estradas de ferro e honrou com a sua presença as inaugurações da estrada Mojiana, da Estação de Santa Bárbara, na linha Paulista, e de Monte-Mór, da Companhia Ituana. Mereceram a honra da visita de Suas Majestades as cidades de Santos, Sorocaba, Jundiá, Campinas, Itu e Moji-Mirim, e a Fábrica de São João do Ipanema. Só as duas últimas localidades deixou Sua Majestade o Imperador de ser acompanhado por sua Augusta Consorte, que necessitava de algum descanso. Tive o prazer de testemunhar as espontâneas e entusiásticas demonstrações de afeto que por toda a parte foram dirigidas aos Augustos Hóspedes. Suas Majestades, acolhendo a todos com extrema afabilidade, e comovendo-se no momento da despedida, bem revelaram o apreço dado ao amor que lhes tributam os paulistas. Cumpro um dever de gratidão declarando-vos que a Exma. Sra. Baronesa de Jundiá, os Exmos. Srs. Barão de Embaré, Barão de Moji-Mirim, Comendador Joaquim Bonifácio do Amaral, Dr. Antônio de Queirós Teles, Dr. Francisco Xavier de Barros, Tenente-Coronel José Guedes de Sousa e Major Joaquim de Sousa Mursa, bem como o distinto Superintendente da Companhia Inglesa e os dignos Presidentes e Diretores das estradas de ferro, não pouparam esforços para suavizar as Suas Majestades os incômodos da viagem". (M.I.)
- (2) João Teodoro Xavier de Matos, foi o 40<sup>o</sup> Presidente da Província, de 21 de dezembro de 1872 a 30 de maio de 1875, quando passou o cargo ao seu substituto, Sebastião José Pereira. Nasceu João Teodoro em Moji-Mirim em 1.5.1828 e faleceu na cidade de São Paulo em 31.10.1878. Revelou-se notável administrador e grande jurista-consulto com a sua obra — *Teoria Transcendental do Direito*, publicado em 1876. (M.I.)
- (3) Da várzea do Carmo, existe, de 1870, uma gravura anônima mostrando, realmente, um belo logradouro, em parte arborizado, que João Teodoro melhorou; por fundo, a cidade alta, com torres das igrejas e o majestoso Convento do Carmo em cuja frente desenvolvia-se o declive de sua ladeira, ligando a rua deste nome com a baixada do Tamanduateí onde surge a Ilha dos Amores e de onde se vislumbra o Mercado (ilustração em *O Velho São Paulo* I, 16, de Afonso d'Escagnolle Taunay). (M.P.)
- (4) Entre muitos alunos da época, Clementino de Sousa e Castro foi depois, magis-

trado de renome; Fernando Lobo Leite Pereira, ministro da República no governo de Floriano Peixoto e senador; Carlos Norberto de Sousa Aranha, campineiro e parlamentar; João Batista Sampaio Ferraz, campineiro, parlamentar e notável Chefe de Polícia do Rio de Janeiro; Martim Francisco Ribeiro de Andrada Júnior, o Martinzinho, secretário de Estado e senador. Uma plêiade notável constituía o corpo docente da Academia (Almeida Nogueira, ob. cit. IV, 272). (M.P.)

(5) Possivelmente o Imperador se refere ao Dr. José Antônio Pedreira de Magalhães Castro, filho do Conselheiro José Antônio de Magalhães Castro: "um dos mais distintos juristas que o Brasil tem produzido" na opinião de Sacramento Blake, em seu *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, v. 4, p. 298. (M.I.)

(6) Era a primeira exposição que se realizava em São Paulo, aberta em 8 de julho de 1875, de produtos e objetos a serem enviados à Exposição Internacional de Filadélfia, a inaugurar-se em abril de 1876. Instalou-se numa das grandes salas da Faculdade de Direito, prédio do antigo Convento de São Francisco. (M.P.)

(7) Não agradou a Sua Majestade, a nossa Penitenciária. O prédio, situado na atual Avenida Tiradentes, no "campo fronteiro ao Convento de Nossa Senhora da Luz", foi iniciado por força de lei, no ano de 1838, para ser inaugurado a 7 de maio de 1852. Em regulamento dessa época, foi adotado o regime de: "prisão solitária durante a noite e trabalho silencioso durante o dia", condizente pois, com *células* estreitas; havia oficinas industriais de funileiros, serralheiros, sapateiros, alfaiates, marceneiros, encadernadores de livros e trançadores de palha para chapéus. Era iluminada por combustores de gás. (Antônio Egídio Martins, *São Paulo Antigo*, I, 56) (M.P.)

O seu Diretor era, então, Joaquim Mariano Galvão Bueno, que mereceu do Presidente da Província, Dr. Sebastião José Pereira, a seguinte menção, em seu *Relatório* de 2.2.76: "[...] tão modesto como distinto, é digno de toda a consideração pela inextinguível dedicação com que promove os melhoramentos da Penitenciária". (M.I.)

(8) Ao visitarem-nos SS.MM. em 1846, ficou a Imperatriz em São Paulo, enquanto o Senhor D. Pedro II visitava as cidades de Sorocaba, Itu, Jundiá e Campinas, hospedando-se a Augusta Senhora, na ausência de seu Marido, em casa de residência de Manuel Rodrigues Jordão, em frente à igreja do Brás. Em 1875 o Imperador visitava um local que lhe era familiar, no mesmo prédio em que morara o Brigadeiro Jordão, o Instituto de Educandos Artífices, criado pelo eficiente Presidente da Província João Teodoro Xavier, e funcionando desde 24 de junho de 1874. (M.P.)

(9) D. Pedro II encontrou só alicerces onde, há muito, se escolhera para o monumento que comemorasse nossa Independência política. O primeiro Imperador, D. Pedro I havia determinado sua construção, e o documentário dessa providência imperial constou de expediente da reunião do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, quando se comunicou o recebimento, para o arquivo do Centro, de um documento de 1825, subscrito pelo Marquês de Valença, determinando a construção do monumento: "por ordem do primeiro Imperador". *Campinas — Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes*, II, 130.

O local da proclamação da Independência foi objeto de cogitações várias para a

construção do monumento, perpetuando-se a sua lembrança. O Visconde de Congonhas do Campo, presidente entre 1823-1826, tentou erigí-lo; cinqüenta anos depois, o presidente (1872-1875) João Teodoro Xavier: "lançou a pedra fundamental do monumento" Afonso d'Escragnoille Taunay, *História da Cidade de São Paulo*, 206. Os alicerces foram vistos por Sua Majestade em 1875, e outra primeira pedra foi colocada em solenidade de 10 de dezembro de 1882, como disse em mensagem à Assembléia Provincial, o Presidente da Província (1882-1883) Conselheiro Francisco de Carvalho Soares Brandão. Posteriormente, outro presidente (1884-1885), José Luís de Almeida Couto, fez nova colocação de outra primeira pedra, como relatava a viúva —: "quando ela e o marido foram colocar a pedra para o reinício da construção do prédio que tinha sido paralisado, encontraram outra pedra no local e que julgaram até que fosse um tesouro". Carta particular de Francisco de Carvalho Soares Brandão Neto, de 27.11. 1965.

Antônio Egídio Martins (ob. cit. 143) registra que as obras do grande edifício do Ipiranga, tiveram começo em 18 de julho de 1885 e o monumento inaugurado em 7 de setembro de 1895, podendo-se concluir que se fez com incontestável solidez, fundado nas várias primeiras pedras!

O *Diário Popular* noticia com detalhes as grandes festas do reinício das obras nesse ano, com a nova primeira pedra, para um edifício comemorativo da nossa Independência, que se destinava a instituto científico: "uma academia expressamente destinada à instrução científica apropriada à generalidade da população", A lei estadual nº 192, de 26.8.1893, mandou que no edifício fosse instalado o Museu Paulista. (M.P.)

(10) O Senhor D. Pedro II visitou a Santa Casa funcionando em prédio próprio da Rua da Glória desde 1840, e que ocupou até 1884. Fundada em data que até hoje se ignora, teve outras sedes como a que deu o nome de Largo da Misericórdia, tendo se transferido da Rua da Glória para o local hoje ocupado. As religiosas de São José de Chambery, França, dirigem seus hospitais desde 1872, com o notável provincialato de Madre Teodora, cujo processo de beatificação está em andamento; Madre Maria Teodora deu inúmeras provas de sua santidade e é venerada pelo vasto círculo de suas irmãs de hábito e de suas alunas, que estão sabendo cultuar e perpetuar a memória da grande religiosa. A Província, hoje Estado de São Paulo, deve a seu grande Bispo, D. Antônio Joaquim de Melo, o estabelecimento aqui das religiosas de São José, hoje zelando pelos vários estabelecimentos de misericórdia de São Paulo, Campinas, Itu, Taubaté e outros. (M.P.)

(11) A estas manifestações, Sua Majestade agradeceu respondendo em alemão. (M.P.)

(12) Desde a fundação do bispado de São Paulo em 1745, até o falecimento do seu 6º bispo em 1847, este bispado só teve prelados nascidos em Portugal. O Conde D. Antônio Joaquim de Melo, foi o primeiro brasileiro a ocupar o sólio paulopolitano; nascido em Itu, foi sagrado em 6 de junho de 1852, notabilizando seu pontificado com grandes e ousadas realizações, como o Seminário Episcopal em prédio que fez construir especialmente, e que ainda existe na Avenida Tiradentes, com sua igreja suntuosa, cuja fachada ostenta as armas do bispo fundador. A Sua Majestade o Imperador, pela sua vasta cultura, não faltou a impressão de alta qualidade intelectual dos religiosos franceses aos quais foi entregue, por D. Antônio de Melo, o Seminário, desde sua fundação. Antônio Álvares Lobo, em *Discursos*, 47, afirma que: "subsistem e substirão, indelevelmente, a

fama, o brilho e o renome do primeiro reitor, Frei Eugênio de Romilly, profundo pensador, de Frei Germano d'Annecy, astrônomo famoso e grande matemático, de Frei Firmino de Centelhas, consumado historiador e teólogo, de Frei Francisco de Vibonat; e de Frei Teodoro d'Annecy, altos espíritos filosóficos, e de outros monges eruditíssimos" que compunham a direção e professorado do Seminário. (M.P.)

O Seminário Episcopal era localizado no então Campo da Luz em frente ao Jardim Público. Sua construção, produto de esmolas, começou em 1855, terminando em 1860. Frei Germano de Annecy, Capuchinho francês, chegou em São Paulo em 1856. Dedicado aos estudos da astronomia e das matemáticas conquistou fama de sábio. Colaborou no jornal *O Estado de São Paulo*, principalmente fornecendo-lhe boletins meteorológicos. Faleceu a 1<sup>o</sup> de maio de 1890, a bordo do vapor *Bearn*, quando seguia para a Europa. Frei Firmino de Centelhas (Sacramento Blake-Dic. *Bio-Bibliográfico Brasileiro*, v. 2, p. 360) seria natural da Itália. Em *Os Missionários Capuchinhos no Brasil*, de Frei Modesto Resende de Taubaté e de Frei Fidélis Mota de Primeiro, p. 438, é dado como natural da Espanha, e tinha 30 anos quando chegou ao Brasil. No Seminário, além de reitor, foi professor de filosofia e teologia moral. Faleceu na Espanha, com 75 anos de idade, em 17 de abril de 1893. Frei Francisco Antônio de Vibonati — natural de Cosenza (Itália), chegou ao Brasil em 1857, destinado ao Seminário de São Paulo. Foi professor de Filosofia e Teologia Moral. Em 1867, após grave enfermidade, regressou à Itália, onde faleceu alguns anos depois. (M.I.)

(13) A metalurgia foi um dos pontos básicos de formação do parque industrial de São Paulo. Desde meados do século XIX, os paulistas se encaminharam para atividades industriais que se avolumaram gigantescamente com o crescimento da população. (M.P.)

(14) Em maio de 1874, começou a funcionar uma grande fábrica de tecidos como anotou Sua Majestade. Era proprietário Diogo Antônio de Barros, falecido em 1888, filho dos segundos Barões de Piracicaba. Assegura-se que foi a primeira fábrica de tecidos de algodão na cidade de São Paulo. (M.P.)

A Fábrica de Tecidos Pais de Barros, fundada em 1872, pelo Major Diogo Antônio de Barros, estava localizada na Rua Florêncio de Abreu. Possuía, de início, 30 teares e 60 operários, e contramestres ingleses. Em 1888 a fábrica já contava com 150 teares e um motor a vapor Corliss, de 300 H.P., cujas caldeiras eram aquecidas a carvão Cardiff. Esses motores eram fabricados em Bolton (Inglaterra) e foram criados pelo inventor norte-americano George Henry Corliss. (M.I.)

(15) Jules Martin era francês de nascimento que se mudou com a esposa e três filhos, para a Província de São Paulo em 1868. Fundou em nossa capital a primeira litografia da Província, a *Imperial Litografia a Vapor*, estabelecimento que obteve notável prestígio pela sua organização e adiantada produção. Sua Majestade quiz visitá-la e a honrou com o título de *Imperial Litografia*. Jules Martin, que tinha o curso de belas-artes feito em Marselha, foi o autor do projeto para a construção do Viaduto do Chá e entusiasta propugnador de sua realização. Faleceu a 18 de setembro de 1906. (M.P.)

(16) Joseph Habersham (1751-1815). Líder político americano. Foi membro do Congresso Continental (1785/86) e da convenção de ratificação constitucional da Geórgia. (M.I.)

(17) No governo do dinâmico presidente João Teodoro Xavier de Matos, foi instalado, a 3 de fevereiro de 1874, o Tribunal de Relação de São Paulo, com 7 desembargadores. (M.P.)

Criado pelo decreto nº 2.342, de 6 de agosto de 1873, foi o Tribunal de Relação solenemente instalado com a presença do Presidente João Teodoro. Estava localizado na Rua da Boa Vista. (M.I.)

(18) O hospício foi fundado pelo então Presidente da Província, José Tomás Nabuco de Araújo, em 1851; teve melhoria com aumento, na presidência de Sebastião José Pereira que recebeu Suas Majestades em 1875. (M.P.)

Nessa ocasião o hospício era administrado por Frederico Antônio de Alvarenga, auxiliado por Francisco Honorato de Moura e o arcepreste João Jacinto Gonçalves de Andrade. Frederico Antônio de Alvarenga, foi durante muitos anos administrador desse estabelecimento. O hospício, foi criado pelo disposto no artigo 5º da lei provincial nº 12, de 18 de setembro de 1848; seu primeiro regulamento é de 5 de maio de 1852 e foi instalado a 14 do mesmo mês e ano, em prédio particular na Rua de São João, de onde foi transferido para um próprio provincial na Tabatinguera, à margem esquerda do Rio Tamandatef, na Rua Nova do Hospício. (M.I.)

(19) Este cemitério, até hoje o mais faustoso da cidade, construiu sua capela com donativos de particulares, entre os quais se destacou, pela elevação para a época, o de quatro contos, feito pela Marquesa de Santos. (M.P.)

(20) José da Costa Carvalho, Marquês de Monte Alegre, foi Regente do Império e Presidente de São Paulo em 1842. (M.I.)

(21) Fundado em 1805, não foi mudado, como se pretendia, ao receber a visita de Sua Majestade. Permaneceu no local até 1904 (é o que diz Antônio Egídio Martins, ob. cit. II, 9 e 134), reformado pelo Presidente Sebastião José Pereira, pois, com a descrição feita pelo Imperador, não admitiria uma permanência tão longa em edifício "de pau-a-pique, péssimo", sem melhoria ou reconstrução. Como vice-presidente em exercício na presidência da Província, o campineiro Marquês de Três Rios promoveu a construção de outro, em 1879, que, ainda hoje, reconstruído, é o hospital de isolamento Emílio Ribas, na Avenida Doutor Arnaldo. (M.P.)

(22) Indústria que se desenvolvia na Província; em Campinas, Sua Majestade visitou outra, citada adiante. (M.P.)

Segundo Silva Bruno — *História e Tradições da Cidade de São Paulo*, v. 3 — p. 1770:— "Em 1872 a manufatura de chapéus também já contava com mais duas fábricas, a de Fischer e a de Guilherme Auerbach & Cia." (M.I.)

(23) O antigo colégio dos Jesuítas, além do corpo principal que terminava na sua grande igreja, tinha sua ala perpendicular, à direita, avançando e compondo outra face do pátio; em todo o prédio instalou-se o governo da Capitania desde o exercido pelo Morgado de Mateus. Na mesma ala perpendicular hospedaram-se nossos Imperadores nas visitas de 1846 e na de 1875, quando o Imperador visitou as repartições do governo também acolhidas no mesmo trecho do edifício; a ala foi demolida em 1881. (M.P.)

(24) É evidente o interesse que tinha o Senhor D. Pedro II pela instrução; ao visitar estabelecimentos de ensino, empenhava-se em conhecer as normas didáticas, a capacidade dos professores, o aproveitamento dos alunos e as instalações colegiais. No Seminário da Glória, dirigido pelas mesmas irmãs de São José já referidas, não lhe arrefeceram os cuidados de sempre; o mesmo interesse o conduzia na visita ao Instituto D. Ana Rosa, que até hoje presta valiosa colaboração ao ensino profissional. (M.P.)

(25) O *Instituto D. Ana Rosa*, de iniciativa particular, funcionava em uma chácara na Rua de D. Ana Rosa. Foi estabelecido em virtude de um legado, deixado por D. Ana Rosa de Araújo. Seu testamenteiro foi Francisco de Sousa Queirós, Barão de Sousa Queirós. Foi inaugurado em 25 de janeiro de 1875, com a finalidade de educar meninos desamparados que ali aprendiam vários ofícios, como, marceneiro, alfaiate, pedreiro, carpinteiro, pintor, etc. O legado inicial foi de importância superior a 130:000\$000 (cento e trinta contos de réis). D. Ana Rosa era filha do Capitão Manuel Antônio de Araújo, natural de Portugal, que casou-se em 1785 com Ana Joaquina de Andrade. Casou-se, D. Ana Rosa, com Inácio Marcondes, sem deixar descendência. Faleceu a 9 de junho de 1872, com 86 anos de idade. (M.I.)

(26) Francisco Antônio de Sousa Queirós, Barão com grandeza de Sousa Queirós desde 1874. Nasceu na cidade de São Paulo em 8 de dezembro de 1806. Estudou em Coimbra. Casou-se, em 1833, com Antônia Eufrosina Vergueiro, filha do conselheiro e Senador Nicolau de Campos Vergueiro. Foi vice-presidente da primeira Assembléia Provincial em 1835. Serviu como deputado provincial e geral, sendo escolhido senador por São Paulo em 1848. Faleceu a 4 de julho de 1891. Seu filho, Francisco Antônio de Sousa Queirós Filho, foi vice-presidente da Província em 1885 e 1889 (M.I.)

(27) Originou-se este mosteiro de capela fundada por Domingos Luís, o *Carvoeiro*, de alcunha, por ter nascido na freguesia de Santa Maria da Carvoeira, e sua mulher D. Ana Camacho, ele falecido em 1615 e ela em 1613. Domingos Luís era Cavaleiro Professo da Ordem de Cristo, homem de fortuna e grande devoto de Nossa Senhora da Luz, cuja invocação se transferiu a todo o bairro da Luz. A propriedade da capela passou aos herdeiros, estando entre seus sete filhos, D. Leonor Domingues, casada com Jusepe de Camargo e tronco de vastíssima família deste apelido, e D. Bernarda Luís, casada com Amador Bueno de Ribeira, o aclamado rei dos paulistas, também ascendentes de numerosíssima geração. O filho e herdeiro do fundador, Antônio Lourenço, instituiu um morgadio no qual foi incluída a capela, administrada pelos descendentes até ser doada à Ordem de São Bento em 1729. Não podendo esta Ordem mantê-la, em 1774 foi utilizada para nela se fundar um recolhimento de carmelitas, iniciativa de Irmã Helena Maria do Sacramento e do franciscano, com fama de santidade, Frei Antônio de Sant'Ana Galvão, contemporâneo no convento de São Francisco em São Paulo, do grande naturalista Frei José da Conceição Veloso, e do criador e primeiro vigário de Campinas, Frei Antônio de Pádua Teixeira. Sob projeto de Frei Galvão, levantou-se o mosteiro e reconstruiu-se a igreja, constituintes hoje de um valioso patrimônio histórico. (Afonso d'Escagnolle Taunay, *Velho São Paulo*, III, 37).

Nesse convento está hoje instalado o Museu de Arte Sacra. (M.I.)

(28) Atravessava a Província uma época de intenso movimento imigratório; depois

dos alemães e dos franceses que vieram colaborar com os portugueses, sempre presentes às imigrações para o Brasil (Tito Lívio Ferreira, *O Português na Formação Bandeirante*, em *São Paulo em Quatro Séculos*, II, 253), surgiram os italianos para ultrapassar as demais correntes e para ampliar a expansão da lavoura cafeeira que os paulistas já vinham estendendo para o interior da Província, acelerada e ampliada com abundância do braço trabalhador e com as estradas de ferro, que passaram a permitir, com o barateamento do transporte, as plantações longínquas. Foi, então, o café, um fator de progresso urbano para a capital e outras cidades, florescentes com a nova e gigantesca riqueza cafeeira. (M.P.). Pertencia, com o nome de *Hospedaria dos Imigrantes*, ao *Serviço Provincial de Imigração*, no Bairro do Bom Retiro. (M.I.)

(29) O jardim foi iniciado em 1799, e sofreu, nas várias presidências da Província, ora melhoramentos, ora descuidos; em 1852 teve circundando-o um gradil de ferro, sendo melhorado consideravelmente na presidência do Barão de Itaúna. Em 1874, o Presidente João Teodoro Xavier, deu-lhe muitos melhoramentos, inclusive a torre com seu mirante, citada por Sua Majestade. Hoje chama-se Jardim da Luz (Antônio Egídio Martins, *São Paulo Antigo*, I, 133 e Antônio de Almeida Prado, *Crônica de Outrora*, 127). (M.P.)

(30) Deve tratar-se do Cônego Dr. João Jacinto Gonçalves de Andrade, arcebispo do Cabido. Era português de nascimento, naturalizado brasileiro. cursou a Faculdade de Direito de São Paulo, de onde foi, em 1878, nomeado lente-catedrático de direito eclesiástico. Um seu sobrinho (ou irmão) Francisco Justino Gonçalves de Andrade, natural da Ilha da Madeira, foi trazido para o Brasil pelo Cônego Andrade. Justino bacharelou-se em Direito, em 1850 e, em 1868, foi nomeado catedrático de direito civil. Faleceu em 1902. (M.I.)

(31) Sua Majestade esteve no *Teatro São José* na noite do primeiro dia que passou em São Paulo e nos conta que era ele grande e de quatro ordens; muito pequeno achou o *Teatro Provisório*, que foi construído no final da Rua Boa Vista e demolido, para no local se construir o viaduto que liga a mesma rua ao Pátio do Colégio. São Paulo sempre teve seus teatros, e sempre cultivou esta arte que merecia, do nosso Imperador, a imperial presença, em todas as cidades que visitava. (M.P.)

O ator Amoedo, citado pelo Imperador, chamava-se Luís Carlos Amoedo. (Porto, 1828-1910). Veio para o Brasil em 1840 estreando em 1846, no *Teatro São Francisco de Paula*. Representou ainda no Rio Grande do Sul e em Pernambuco. A peça assistida por D. Pedro II, *La Figlia Unica* era do autor cômico italiano, Teobaldo Ciconi (1824-1863), que também escreveu *La Statua di Carne*. (M.I.)

(32) Como em muitas cidades brasileiras, Sorocaba, cidade antiga, fundada no século XVII, vila em 1661 e cidade em 1842, ano em que foi capital da Revolução Liberal, também tinha sua vetusta Casa de Misericórdia; desta Santa Casa, foi aprovado na Corte de Lisboa, em 4 de agosto de 1807, o seu Compromisso. Teve ela, como muitas outras, seu período de depressão, vencido, para que hoje continue vicejando na sua obra benemerita. (M.P.)

Em Sorocaba o Imperador hospedou-se no sobradão do Barão de Moji-Mirim, Manuel Claudiano de Oliveira. Diz Aluísio de Almeida, "*Memória Histórica sobre Sorocaba*".

caba" (VII), São Paulo, *Revista de História*, v. 76. p. 355, que: "Deram-lhe [ao Imperador] um carro aberto à frente da locomotiva e iam-lhe mostrando a construção. [Estrada de Ferro Sorocabana] Às vezes descia e ia ver de perto". Segundo o mesmo autor: — "Júlio Ribeiro noticiou a visita, pondo a culpa dos males do Brasil nos políticos. Foi levar a Pedro II um exemplar do *Padre Belchior de Pontes*, aqui impresso em folhetim e em livro. Muito bem recebido". Era esta a segunda viagem que o Imperador fazia a Sorocaba. A primeira foi em 17 de março de 1846. A 25 de outubro de 1878, novamente o Imperador e a Imperatriz "com grande comitiva" reapareceriam em Sorocaba em trânsito para Ipanema. (M.I.)

(33) Cadeia e Câmara no mesmo prédio, como em todas as congêneres coloniais. (M.I.)

(34) Luís Mateus Maylaski notabilizou-se pelo seu dinamismo e pelas suas grandes realizações. Nasceu em 1832, devendo-se à sua operosidade, a fundação de cinco estradas de ferro e a construção do porto de Vitória (Aluísio de Almeida e Antônio Francisco Gaspar, biografia); desenvolveu em Sorocaba a indústria algodoeira, pujante na Província. Foi agraciado pelo Rei de Portugal com o título de Visconde de Sapucaí, recebendo do mesmo soberano brasão de mercê nova por carta de 19 de setembro de 1891. (M.P.)

Luís Mateus Maylasky (como vem grafado no Relatório da Estrada de Ferro Sorocabana, de 1874) nasceu em Kassa (Hungria) em 28 de agosto de 1838. Chegou em Sorocaba em janeiro de 1866, onde se casou com Ana Franco, filha de Joaquim José de Andrade, chefe local do partido conservador. Faleceu em Nice (França) em 1906. (M.I.)

(35) A indústria chapeleira era futura e florescente em 1875; encontramos-la em São Paulo, Sorocaba e Campinas, impressionando Sua Majestade que as registrou e as visitou nas três cidades. Antônio Rogisch de quem fala o Imperador, fixou-se em Sorocaba e dele ficaram membros da família, no mesmo ramo industrial (Antônio Francisco Gaspar, *Minhas Memórias*, 93) (M.P.)

Os irmãos José e Antônio Rogisch, ou Rogick, como grafa Aluísio de Almeida, eram húngaros e se fixaram em Sorocaba em 1847, onde Antônio casou-se, em 1869, com Constância Ferreira Leão. A fábrica de chapéus data de 1852, localizada na Rua da Ponte. Associou-se depois, ao alemão Venceslau Razzl. Henrique Adams adquiriu a fábrica em 1880. Em 1870 o alemão Teodoro Kaysel, instalou outra fábrica de chapéus em Sorocaba. Em 1883 havia em Sorocaba três fábricas de chapéus: a do Dr. Adams, a de José Rogisch e a de Teodoro Kaysel. (M.I.)

(36) João Henrique Adams, inglês de Londres, casou-se em 1869 em Sorocaba, com D. Ângela Leopoldina de Oliveira, filha dos Barões de Moji-Mirim. Esses titulares hospedaram Suas Majestades em seu sobrado, nas visitas feitas a Sorocaba, assim como o Conde d'Eu; em 1846 foi o sobrado, o maior da cidade, inaugurado pelo Imperador, depois de receber rica ornamentação com prataria e fino mobiliário (pesquisas do historiador Carlos Sonetti e Aluísio de Almeida, *História de Sorocaba*, 240). (M.P.)

Referindo a João Henrique Adams, Licurgo Castro Santos Filho, — *História da Medicina no Brasil*, v. 2, p. 365, diz: "Médico inglês, natural da Colônia do Cabo (África do Sul) onde nasceu em 1822; faleceu em 2 de novembro de 1901 no Rio de Janeiro.

Médico, em 1850, pela Universidade de Marburgo". O Dr. Adams clinicou por mais de 30 anos em Sorocaba. Em 1880 adquiriu a fábrica de chapéus de Antônio Rogisch. (M.I.)

(37) Sobre o tremor de terra em Sorocaba e circunvizinhanças há, no Arquivo Histórico do Museu Imperial, os seguintes documentos:

— D. 7847 — M.172 — Carta de Joaquim de Sousa Mursa ao Presidente da Província, João Teodoro Xavier, datada de Ipanema, 10.3.1875;

— D. 7848 — M.172 — Carta do Barão de Piratininga (Antônio Joaquim da Rosa) ao Presidente João Teodoro, datada de São Roque, 22.3.1875;

— D. 7848 — M. 172 — Carta de José Leite Penteado ao Presidente João Teodoro, datada de Sorocaba, 10.3.1875. (M.I.)

(38) Ipanema teve em 1571 o primeiro estabelecimento siderúrgico do Brasil, instalado por Afonso Sardinha. Depois de 1765, quis o Morgado de Mateus, Capitão-General de São Paulo, reerguer o estabelecimento, o que se tentou com fundidor encarregado de recuperar a fundação de Sardinha. Seguiram-se outras tentativas de uma regular exploração industrial, destacando-se a de maior vulto na primeira década do século XIX, com diretor, auxiliares e maquinarias vindos então da Suécia. Quando diretor de Ipanema o oficial Frederico Luís Guilherme de Varnhagen, aqui nasceu a 17 de fevereiro de 1816, seu filho, Francisco Adolfo de Varnhagem, futuro Visconde de Porto Seguro e um dos maiores historiadores brasileiros.

De tentativas em tentativas, chegou o ano de 1865, quando assumiu sua direção o engenheiro Joaquim de Sousa Mursa (depois, membro do primeiro governo republicano de São Paulo e deputado ao Congresso Constituinte da República). Esse diretor procurou dar à fábrica de ferro a necessária situação de estabelecimento produtivo, indo à Europa para estudos e obtenção de pessoal técnico; durante sua gestão, Suas Majestades visitaram Sorocaba, indo desta cidade, em carruagens, visitar Ipanema, constatando uma significativa produção que, entretanto, não se consolidou, deixando que hoje Ipanema seja apenas um patrimônio histórico. (Jesuíno Felicíssimo Júnior, *História da Siderurgia de São Paulo e Memória sobre a Comemoração do 150º Aniversário da 1a. Corrida de Ferro no Alto Forno de Ipanema*). (M.P.)

(39) Joaquim de Toledo Piza e Almeida — Nasceu em Capivari (SP) a 19 de outubro de 1842. Bacharelou-se em novembro de 1866, iniciando sua vida pública como promotor em Taubaté. Em maio de 1874 foi nomeado Juiz Municipal em Sorocaba sendo transferido para São Paulo em novembro de 1875. Ocupou vários cargos de relevo. Quando faleceu, em 24 de abril de 1908, era Presidente do Supremo Tribunal Federal. (M.I.)

(40) É velho em nosso país o vizo de se destruir o antigo (M.P.)

(41) João Ribeiro da Silva, proprietário da *Olaria do Bom Retiro*, na Luz, fundada em 1872. (M.I.)

(42) Indústria florescente em nossa Província, veio interromper o uso das paredes de pau-a-pique que se adotavam nas paredes internas das grandes construções e para casas menores; a taipa continuou em uso para as paredes mestras. (M.P.)

(43) Parece tratar-se de Gustavo Sydow, estabelecido, ainda em 1883, na rua Conse-

lheiro Crispiniano; outro Sidow (Adolfo), possuía fundições e serralherias a vapor no morro do Chá, onde se ergue hoje o Teatro Municipal, até o antigo Hotel Esplanada.

As serralherias a vapor e fundições, como as de Hund, surgiram entre 1870 e 1872. A fundição de Adolfo Sydow fabricava engenhos de açúcar, serras, bombas centrífugas, prensas, portões e grades de ferro, tesouras de ferro para tetos, pontes de ferro batido, tanques para água, instrumentos agrícolas, chapas para fogões, rodas hidráulicas e sortimento de máquinas para a lavoura. (M.I.)

- (44) Notável sábio, pai de Daniel Carlos Rath, um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (M.P.)

Carlos Frederico José Rath (1801-1876). Natural da Alemanha. Formou-se em medicina, mas dedicou-se, principalmente, ao estudo da antropologia, arqueologia, etnologia e história natural. Dos seus vários trabalhos destaca-se a obra *Fragmentos geológicos e geográficos para a parte estatística das Províncias de São Paulo e Paraná*, publicada em 1856. Legou ao Museu Paulista sua valiosa coleção de peças para o estudo da arqueologia, antropologia e história natural. Um estudo de sua autoria sobre sambaquis se encontra no Arquivo do Museu Imperial, bem como uma carta a Saldanha Marinho referente a um bólido. (M.I.)

- (45) Antônio Bernardo Quartim — Empreiteiro de obras; foi encarregado da construção do novo Teatro São José, mencionado pelo Imperador. (M.I.)

(46) Foi no governo de João Teodoro Xavier que a lei de 24.4.1874 mandou que se construísse na Rua das Casinhas (Tesouro) esquina da Imperatriz (15 de Novembro) um prédio de dois andares, para, no térreo, instalar-se um mercado de hortaliças e, no superior, a Escola Normal. Talvez a desaprovação de Sua Majestade, tenha influído de tal forma que ali não se instalou o mercado interno, ficando, ao término da construção, em 1877, os altos para o tesouro provincial e o piso térreo para a Escola Normal. Esta mudou-se, poucos anos depois, para a Rua Boa Morte. (M.P.)

(47) *A Associação Propagadora da Instrução Popular*, tinha como diretor o Conselheiro Carlos Leôncio de Carvalho, posteriormente fundador e diretor do *Liceu de Artes e Ofícios*. O Conselheiro, que era natural do Rio de Janeiro, onde nasceu em 18 de junho de 1847, bacharelou-se pela Faculdade de São Paulo, de onde foi, em 1881, catedrático. Militou na política liberal, ocupando a pasta dos Negócios do Império no Gabinete de 15 de janeiro de 1878. Elegeu-se, também, deputado por São Paulo. Faleceu no Rio de Janeiro, em 9 de fevereiro de 1912 (M.I.)

(48) Dr. Antônio de Queirós Teles, depois Conde de Parnaíba, em cuja residência foram hospedados Suas Majestades. Prédio ainda existente e agora tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico de São Paulo (M.P.)

(49) A expressão *alguém* refere-se à Imperatriz (M.I.)

(50) Usavam as companhias de estradas de ferro dar às estações os nomes das vilas e cidades mais próximas e por elas servidas. Hoje a antiga estação de Monte-Mor é a estação e cidade de Elias Fausto (M.P.)

- (51) Elias Álvares Lobo foi maestro e compositor lírico, compondo as óperas *Noite de São João*, levada à cena no Rio de Janeiro com grande sucesso, e *A Louca*, produções que o fizeram alcançar de D. Pedro uma bolsa para seus estudos na Europa. Casado e com filhos, apelou para a Assembléia Provincial no sentido de ser sua prole amparada com uma pensão, que lhe foi negada, obrigando-o a desistir do aperfeiçoamento no velho mundo. Dedicou-se especialmente à música sacra. Promoveu congressos e reuniões de artistas visando benefícios para a classe. (M.I.).
- (52) O Padre Miguel Correia Pacheco, ituano de nascimento e de tradicionais famílias da mesma cidade, foi nomeado vigário de Itu em 1856, dignidade que ocupou durante 46 anos, até o seu falecimento. Pessoa de grandes virtudes, desvelou-se pela pobreza, por todos que dele necessitavam, e pela sua igreja, grandemente beneficiada com seus cuidados e com sua fortuna sempre aplicada para os necessitados e para o bem da coletividade. Foi um eficiente cooperador do grande Bispo D. Antônio Joaquim de Melo, concorrendo mesmo com as contribuições financeiras consideráveis para muitas das notáveis realizações do bispo ituano: "Era ele o anjo da caridade que durante a noite ia levar aos pobres a esmola abundante, sorrateiramente por baixo da porta, em envelope com boa quantia." (Francisco Nardy Filho, *A Cidade de Itu* III, 47). (M.P.).
- (52-A) O mais velho dos filhos do Barão de Jundiá (Antônio de Queirós Teles) era Joaquim Benedito de Queirós Teles, que foi 1º Barão de Japi em 1887. Nascido a 10 de junho de 1819 faleceu em São Paulo em 25 de junho de 1838.  
O Conde de Parnaíba, filho do Barão de Jundiá, nasceu em 16 de agosto de 1831 e faleceu a 5 de maio de 1888 (M.I.)
- (53) Engenheiro M. Bennaton, autor e executor do projeto para o ramal da *Estrada de Ferro de Jundiá a Itu*. (M.I.)
- (54) *Fábrica São Luís*, a primeira fábrica de tecidos de algodão, a vapor, fundada na Província de São Paulo, tendo por fundadores, Luís Anhaia, Ângelo Custódio de Moraes, José Feliciano Mendes, Antônio Pais de Barros, Manuel José de Mesquita e Antônio Carlos de Sousa Teixeira (Francisco Nardy Filho, *História de Itu*, IV, 170). Foi o ramo industrial de fiação e tecelagem de algodão, próspero na Província, com as indústrias de chapéus, metalúrgicas e cerâmicas, que se tornou a marca do início do surto industrial com que os paulistas começaram um novo bandeirismo (M.P.)
- (55) Os Jesuítas abriram em Itu, em 1867, o seu *Colégio São Luís*, que adquiriu logo um enorme e merecido prestígio. Basta correr a sua lista de ex-alunos, para encontrá-los nas mais altas posições da vida política, social ou cultural do país, destacados por uma evidente base de conhecimentos auridos no *Colégio São Luís*. Citou Sua Majestade alguns nomes de professores e sacerdotes, mas destacar os mais eminentes pelo saber, pela santidade, pelas realizações, seria alongar demasiadamente estes comentários. Teve este *Colégio de Itu* uma enorme atuação na sociedade paulista, e foi um dos mais eficientes fatores para a formação de uma elite marcante da gente de São Paulo, no findar do século XIX e primeiras décadas do século atual (M.P.)
- (56) João Maria Alberani. Irmão leigo; era arquiteto, desenhista e exímio pintor a óleo (M.I.)

- (57) Padre André Fialho de Vargas. Tinha fama de poliglota (M.I.)
- (58) Padre Ângelo Sabattini — Admirado pelo seu vasto saber, era dotado de excelente voz de baixo-profundo muito apreciada quando cantava nas festas religiosas (M.I.)
- (59) Partindo-se do zelo apostólico do grande Bispo D. Antônio Joaquim de Melo que, como início do seu pontificado, preocupou-se com a educação da mulher paulista, e com a educação e cultura do sacerdote, fica assaz evidente que a visão deste prelado teve um inestimável valor na formação sadia da sociedade bandeirante. Apелou o nosso bispo para a comunidade religiosa de São José de Chambery, e obteve a vinda, em 1858, de religiosas cultas e santas para a fundação do *Colégio do Patrocínio*. Tendo falecido em viagem a superiora Madre Basília Genon, veio nova diretora, também muito moça, para ser superiora durante fecundos sessenta e seis anos nos quais cumpriu um apostolado santo e benéfico, falecendo quase centenária em 1925, condecorada com a Legião de Honra da França; está hoje em processo que a deverá levar aos altares. O *Patrocínio* foi um educandário de vastíssima influência na sociedade paulista, distribuindo cultura às futuras mães de família, e alicerçando a formação da nossa gente nascida nos lares austeros, clarividentes pela cultura feminina, preparando o que houve de melhor em São Paulo. O renome do *Colégio do Patrocínio* é dos mais elevados na história do ensino e formação feminina desde um século (M.P.)
- (60) Professor José Pereira Jorge, primo da Dama da Casa Imperial Domitila Francisca de Abreu Pereira Jorge. Em abril de 1861 abriu uma escola para instrução primária em São Paulo. Transferiu-se, depois, para Itu. (M.I.)
- (61) Tenente Joaquim Mariano da Costa. Em 1883 era Partidor em Itu. (M.I.)
- (62) Em todas as suas anotações, revela nosso Imperador o seu especial carinho pela instrução do seu povo; nas visitas às escolas media o aproveitamento dos alunos, a capacidade dos mestres, os métodos e as instalações escolares (M.P.)
- (63) Padre Bento Dias Pacheco, nascido em Itu em 1819, ordenou-se, foi vigário, passando depois a se dedicar só aos leprosos a cujo hospital, doou tudo quanto possuía dirigindo, ele mesmo, o hospital, tratando dos leprosos e acudindo-os pelas estradas; trazia-os para seu convívio, lavava-os, curava-os e nunca se recolhia ao leito, à noite, sem verificar se estavam bem acomodados em suas camas. Faleceu aos 92 anos: "já quase cego e sem qualquer vestígio de lepra pelo corpo". (M.P.)
- (64) Dr. José Elias Pacheco Jordão (1817-1888). Ilustre cidadão ituano. Casou-se com D. Antônia Fausta Rodrigues, de quem teve 14 filhos; o mais velho deles, foi o Dr. Elias Fausto, engenheiro e político de projeção. A chácara a que se refere o Imperador foi adquirida, após o falecimento do Dr. Jordão, para abrigar o *Asilo de Mendicidade Nossa Senhora da Candelária*, inaugurado em 1903. Como Vice-Presidente da Província, Pacheco Jordão, assumiu por duas vezes a presidência: de 10 a 26 de agosto de 1868 e de 1º a 29 de julho de 1869 (M.I.)
- (65) A cultura do chá desapareceu das atividades paulistas, sucumbida pela concorrên-

cia do chá de exportação inglesa; renasceu mais tarde, na região do Ribeira de Iguape onde prospera, como resultado das atividades da colônia japonesa e de seus descendentes. (M.P.)

(66) José Egídio da Fonseca, foi um dos fundadores da Santa Casa de Misericórdia local. (M.I.)

(67) Trata-se da *Fábrica de Tecidos Salto de Itu*, que tinha como um de seus sócios José Galvão de França Pacheco. (M.I.)

(68) Francisco de Assis Pacheco Júnior foi nomeado Juiz Municipal de Itu a 21 de setembro de 1870. (M.I.)

(69) José Carlos Rodrigues, nasceu em Cantagalo (RJ) em 19 de julho de 1844. Muito jovem fixou-se nos Estados Unidos, onde, em 24 de outubro de 1870, fundou o *Novo Mundo, Periódico Ilustrado do Progresso da Idade*. De volta ao Brasil assumiu a direção do *Jornal do Comércio* e como bibliófilo publicou o *Catálogo anotado dos livros sobre o Brasil*, Rio de Janeiro, Tip. do Jornal do Comércio, 1907. Faleceu em Paris, em 28 de junho de 1923. (M.I.)

(70) Sua Majestade se refere com simpatia a João Tibiriçá: "moço simpático e que parece ter muita inteligência"; em viagem para Moji-Mirim, lembra-se D. Pedro de sua palestra com Tibiriçá, o moço, primeiro presidente do Diretório da Convenção de Itu em 1873. Dois anos depois desta convenção, Tibiriçá, mantém longas palestras com o Imperador, e não poderia ter deixado de se impressionar com o caráter, a cultura, a visão administrativa, o espírito justiceiro e a bondade de D. Pedro II. (M.P.)

João Tibiriçá Piratininga foi um dos fundadores do *Clube Republicano*. Faleceu em Paris em 10 de dezembro de 1868. (M.I.)

(71) Elias Álvares Lobo (vide nota 51) e Tristão Mariano da Costa eram maestros compositores de valor, e deles diz Francisco Nardy Filho (*História de Itu*, IV, 224): "a seus ótimos conjuntos orquestrais deve Itu, em grande parte, o esplendor e pompa das suas grandes festas religiosas", que atraíam famílias até da capital do Império para assistí-las. (M.P.)

(72) Deve ser João de Almeida Leme, proprietário de uma olaria em Itu. (M.I.)

(73) Era proverbial o interesse do Imperador pelos talentos que necessitavam de estudos em maiores centros culturais. Nesta mesma estada em Itu, teve ele gesto de cuidado com mais um valor que se agigantou graças ao zelo do Senhor D. Pedro II. Nesta estada em Itu procurou José Ferraz de Almeida Júnior e, sabendo que se achava em Moji-Mirim, mandou avisá-lo de que lhe desejava falar. Nesta cidade, conta Jacinto Ribeiro (*Cronologia Paulistana*, I, 567): "depois de indagar de Almeida Júnior, porque não tinha esperado pelo concurso de viagem da Academia, e respondendo-lhe que circunstâncias de sua família a isso o tinham forçado o Imperador lhe disse: "Logo que essas circunstâncias o permitam, pode seguir para a Europa: eu o subvencionarei". Em outubro de 1876 partiu o pensionista de D. Pedro II para Paris, onde estudou e de onde voltou ao

Brasil como uma das suas maiores glórias, em 1882. (Luís Martins, "Almeida Júnior" na *Revista do Arquivo Municipal*, LXVI, 5). Outro caso, de anos passados, com Carlos Ferreira, rio-grandense do sul, que residiu e foi jornalista em Campinas onde se casou com gente da terra, tornou-se conhecido nesta cidade pela sua publicação *Feituras e Feições*, III. Ouvindo uma poesia do jornalista, que então tinha dezenove anos, ofereceu-lhe D. Pedro II uma pensão para estudar no Rio, que foi aceita; e Carlos Ferreira, depois de relatar o fato, assegurava conservar "a lembrança serena e grata desse homem tão bom e tão amável, desse espírito superior, tão simpático e tão adorável, a quem eu, sem embargo de todo o meu republicanismo, sempre amei!" (M.P.)

(74) Sobrado construído por D. Teresa Miquelina do Amaral em 1846, vasto e luxuoso, ainda conservado na Rua Barão de Jaguará, esquina de General Osório, transferido ao irmão e genro da primeira proprietária, Joaquim Bonifácio do Amaral, depois Visconde de Indaiatuba; neste mesmo sobrado hospedaram-se Suas Majestades na visita de 1878. (M.P.)

(75) O Padre, depois Cônego, Joaquim José Vieira, foi vigário de Campinas e fundador de sua Santa Casa: profundamente caridoso, obteve os recursos necessários à construção do hospital dos pobres e do asilo de órfãos. O prédio foi projetado por Frei Eugênio de Rumilly e levantado pelos trabalhos do Padre Vieira e seus colaboradores (M.P.)

O Padre Vieira foi designado Bispo do Ceará, pelo decreto imperial de 3 de fevereiro de 1883; nomeado pelo Papa Leão XIII, foi sagrado em dezembro do mesmo ano, na matriz de Campinas, sendo oficiante o bispo de São Paulo, Dom Lino Adeodato Rodrigues de Carvalho, cearense de nascimento. A 8 de dezembro de 1912, Dom Vieira renunciou à sua Sé Episcopal, regressando a Campinas em 1914, onde faleceu a 8 de julho de 1917 (M.I.)

(75A) Trata-se, como já foi dito, da Imperatriz, que era extremamente caridosa (M.I.)

(76) Além de escolas particulares e escola régia, teve Campinas dois famosos internatos: para meninos, o colégio do Professor João Batista Pupo de Moraes, e para meninas o colégio de D. Carolina Florence; ainda para meninas foi conceituado o *Colégio Cesarino*, e para meninos, vários outros. A 19 de maio de 1869, um grupo de campineiros, reunidos na Câmara Municipal, fundou um novo colégio que tomou o nome de *Culto à Ciência*, de um congênere de São Paulo, que funcionava desde 1862 no Largo de São Paulo, dirigido e de propriedade do Dr. Antônio José de Moraes Pupo. Teve o *Culto à Ciência*, de Campinas, desde logo, notoriedade e grande preferência do corpo estudantil, impondo-se pelo nível elevado do seu quadro de professores. Inaugurou-se a 12 de janeiro de 1874. (M.P.)

(77) Sabemos, apenas, que foi professor do *Colégio Internacional* e, por ocasião do sepultamento do Dr. Jorge Guilherme Henrique Krug, ocorrido a 4 de março de 1875, foi um dos que falou à beira da sepultura desse grande amigo da instrução. (M.I.)

(78) Amador Bueno Machado Florence. Foi, mais tarde, diretor desse modelar estabelecimento de ensino. (M.I.)

(79) Uma fundição dos Irmãos Faber foi a semente germinadora de 1858, da indústria campinense. Seguiram-se a importante indústria dos Irmãos Bierrenbach cujo ramo de chapéus o Imperador visitou. A fundição dos Irmãos Bierrenbach deixou obras de arte como os gradis da capela de Nossa Senhora da Boa Morte da Santa Casa. Estes irmãos, notáveis pelas suas realizações no campo industrial, são ancestrais de grande descendência, hoje em altas posições em nosso país, devendo-se citar dela, o poeta e orador campineiro César Bierrenbach (M.P.)

Os irmãos Bierrenbach, estabeleceram-se em Campinas com a *Fábrica a Vapor de Chapéus*, em 1857, localizada na Rua da Ponte, em Santa Cruz, próximo desse mesmo local a firma Bierrenbach & Irmão, possuía a *Fábrica de descarocar e enfardar algodão, movida a vapor* e a *Fábrica a vapor de máquinas de beneficiar café*, situadas no Largo de Santa Cruz. (M.I.)

(80) "Pelo de raton". Tratava-se de pelo do rato-do-banhado (*Myocastor coypus*), roedor de meio metro de tamanho, de aveludado e lindo pelo de cor variada, a barriga branca e o lombo escuro com manchas, só se alimentando de peixes, e que hoje ainda abunda, vivendo à beira e nadando em rios de Mato Grosso e Rio Grande do Sul, estados que exportam o seu pelo. (M.P.)

(81) Processo descoberto pelo engenheiro e inventor inglês, Sir Henry Bessemer (1813-1898) que facilitava a produção do aço utilizando um jato de ar sobre o metal fundido. (M.I.)

(82) Evidente engano do Imperador. Antônio Carlos de Sampaio Peixoto não foi genro do Marquês de Três Rios, Joaquim Egídio de Sousa Aranha (M.I.)

Antônio Carlos de Sampaio Peixoto, o Sampaíno, foi um talentoso campineiro que honrou sua terra natal; inteligente e dinâmico, fundou em 1868 a primeira olaria de Campinas, servindo-se de uma patente inglesa de Clayton & Comp. D. Pedro II, admirando-se do valor das realizações do Sampaíno, conferiu o título de *Imperial Ollaria* a essa indústria. Sampaio Peixoto tinha ainda fundição de produção variada, era arquiteto e pintor de grandes méritos (M.P.)

(83) É de 1872 a fundação do *Colégio Internacional* e sobre ele se estende em anotações Sua Majestade, como merecia este estabelecimento, que sempre gozou de grande prestígio entre os bons colégios da Província (M.P.)

Seus fundadores foram dois pastores protestantes, os reverendos Drs. George Nash Morton e Edward E. Lane, que chegaram a Campinas em 1869. Em 1872, concluído o prédio, começou a funcionar o colégio. Mais tarde, o Rev. Morton transferiu-se para São Paulo, onde fundou o *Colégio Morton*, na Rua da Consolação. O Dr. Lane faleceu em Campinas em 1892 vitimado pela febre amarela. Sua morte marca o fim do *Colégio Internacional* em Campinas (M.I.)

(84) Francisco Rangel Pestana — Fluminense de Iguazu, nasceu a 26 de novembro de 1839. Por motivo de saúde mudou-se para São Paulo, onde bacharelou-se em Direito. Dedicou-se ao magistério e ao jornalismo. Foi professor do *Colégio Internacional* e do *Colégio Florence* em Campinas. Elegeram-se deputado e depois senador pelo Rio de Janeiro. Participou da Junta Governativa do Estado de São Paulo quando da Proclamação

da República, e em cujo regime exerceu vários cargos de destaque. Faleceu a 17 de março de 1903, em São Paulo (M.I.)

(85) O Rev. John W. Dabney, sucedeu ao Rev. Morton, 1879, na direção do *Colégio Internacional*, junto com o Rev. Lane. Era sobrinho do teólogo Robert L. Dabney, um dos grandes nomes da Igreja Presbiteriana norte-americana. Faleceu em Campinas em 1890, vítima da febre amarela (M.I.)

(86) Eram duas irmãs Annie e Mary Newman; abriram uma escola em Piracicaba que desfrutou de grande conceito (M.I.)

(87) Trata-se do filho mais velho de Joaquim Quirino dos Santos, do seu primeiro casamento em 1819 com Manuela Joaquina de Oliveira. O coronel Quirino dos Santos, nascido em 15 de maio de 1820, faleceu solteiro. Foi comerciante, lavrador e comissário em Santos e delegado em Campinas por mais de uma vez. Em 1872 foi agraciado com a Ordem da Rosa. Despendeu grande parte de sua fortuna com obras assistenciais; em poucos dias gastou mais de 20 contos de réis, com a abertura de um hospital para os pobres atacados de bexigas. Sustentou com seus haveres a *Escola Correia de Melo*, e se inscreve entre os fundadores do *Colégio Culto à Ciência* e da *Santa Casa de Campinas*. Foi também um dos fundadores do *Teatro São Carlos* e da *Companhia de Gás*. Quase foi Barão. Conta-se que já estava decidido pelo Imperador a nomeação, concedendo-lhe o baronato de Campinas ou de Barreiro, quando o Duque de Caxias, então Presidente do Conselho, rasgou o documento, por haver Quirino dos Santos, como delegado, mandado espancar um soldado do regimento que esteve destacado em Campinas. (M.I.)

(88) Fundado a 3 de novembro de 1863 por Carolina Florence e seu pai, Jorge Guilherme Henrique Krug, natural de Cassel (Alemanha), grande incentivador da instrução pública em Campinas. Carolina foi casada com Hércules Florence. Em seu colégio lecionaram personalidades como Francisco Rangel Pestana, João Kopke e Campos da Paz. (M.I.)

(89) Antoine Hércule Romuald Florence nasceu em Nice (França) a 29 de fevereiro de 1804. Em 1824 veio para o Brasil, participando, como desenhista, da expedição científica organizada pelo Barão de Langsdorff, como substituto de Maurício Ruggendas. Em 1829 casou-se, em São Paulo, com Maria Angélica Álvares Machado de Vasconcelos, filha de Francisco Álvares Machado de Vasconcelos, de quem teve 9 filhos, sendo o mais velho, Amador Bueno Machado Florence. Maria Angélica faleceu em Campinas em 1850. Em segundas núpcias, casou-se Hércules Florence com Carolina Krug, filha do Dr. Jorge Guilherme Henrique Krug, fundadores do *Colégio Florence*. Faleceu em Campinas a 17 de março de 1879. É considerado, em recentes estudos, como o precursor da fotografia. (M.I.)

(90) Confirma o carinho que dispensava o Imperador pela instrução; homem, não só de vasta cultura, tinha a visão do valor do ensino como fator relevantíssimo no progresso do Brasil. (M.P.)

*Colégio Perseverança*, ou *Colégio Cesarino*. Fundado em 1860 para alunas do sexo feminino. Era dirigido pelas senhoras Amância e Bernardina Cesarino. (M.I.)

(91) Vitoriano dos Anjos Figueiroa era entalhador baiano trazido para executar os entalhes da Catedral de Campinas; executou o altar-mor, dois púlpitos, tribunas e coro, peças da mais requintada arte e magníficas no conjunto do projeto trazido por Vitoriano. Outro entalhador, Bernardino de Sena Reis, é seu continuador como autor dos altares laterais. A obra de entalhe de Campinas se eleva em valor entre as congêneres, por se tratar de talha nua, sem os retoques das colorações e do ouro. (M.P.)

(92) Joaquim Correia de Melo foi sábio de renome mundial; um fato o atesta: estando um notável estadista brasileiro em Paris, na *Academia de Ciências*, um dos acadêmicos fez referências a: "um sábio brasileiro muito distinto, o Senhor Correia de Melo; e como o estadista brasileiro afirmou não conhecê-lo, continuou o acadêmico: *como? mas ele é da sua Província*". (*O Constitucional* de 6.11.1875). Anotou D. Pedro II sua resolução de fazer-lhe presente de uma *Flora*, de Martius, o que cumpriu, como foi noticiado (*O Constitucional* de 30.10.1875): "Joaquim Correia de Melo se acha de posse de magnífica obra compilada em latim pelo Dr. C.F.P. von Martius, constando de mais de 30 volumes concernentes à flora americana e da qual S.M. o Imperador fez presente ao Sr. Correia de Melo". Esta obra faz hoje parte da biblioteca do *Instituto Agrônomo de Campinas*; seu autor é Carlos Frederico Filipe von Martius (M.P.)

Joaquim Correia de Melo nasceu em São Paulo a 10 de abril de 1816 e faleceu a 20 de dezembro de 1877. Formado em farmácia, radicou-se em Campinas em 1836 e deixou numerosos e reputados trabalhos sobre botânica. (M.I.)

(93) Francisco Álvares Machado de Vasconcelos (1791-1846). Nasceu em São Paulo, e, como seu pai, cirurgião-mor, Joaquim Teobaldo Machado de Vasconcelos, estudou medicina, dedicando-se à cirurgia, recebendo o título de Cirurgião da Imperial Câmara. Residiu em Campinas, onde se tornou um dos chefes do Partido Liberal. Foi eleito deputado em várias legislaturas destacando-se como orador fluente e objetivo. (M.I.)

(94) Edouard Bureau (1830-1918). Botânico francês. Membro da *Academia de Medicina da França* e autor de várias obras sobre terrenos carboníferos do baixo Loire. (M.I.)

(95) Sir William Jackson Hooker (1785-1865). Botânico inglês; diretor do Kew Garden, onde colaborou com seu colega John Stevens Henslow para a criação do museu botânico. (M.I.)

(95A) Grande conhecedor de nossa flora, impressionou o Imperador, que lhe enviou da Corte, com dedicatória, a coleção da *Flora Brasiliensis*, de Martius. A carta, datada de 15 de novembro de 1875, acusando e agradecendo o recebimento da obra, encontra-se entre os documentos do *Arquivo Histórico do Museu Imperial*: "Senhor. Tenho a honra de saudar Vossa Majestade Imperial e de agradecer a delicada oferta que se dignou fazer-me da *Flora Brasiliensis*, que recebi por intermédio do Exmo. Presidente desta Província. Ainda quando tal obra não tivesse, como tem, o mais subido valor e merecimento, ela seria para mim do maior apreço, como uma lembrança da benevolência com que Vossa Majestade distingue e honra ao menor dos súditos de Vossa Majestade Imperial. Campinas, Província de São Paulo, 15 de novembro de 1875. *Joaquim Correia de Melo*." (Maço 173 - Doc. 7919). (M.I.)

- (96) Padre José Joaquim de Sousa Oliveira, vigário-colado da então Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Campinas. (M.I.)
- (97) Padre Dr. Adelino Jorge Montenegro. Formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1871. Foi vigário-geral (1890) em São Paulo, e visitador das irmandades católicas da capital. (M.I.)
- (98) O Visconde de São Valentim, foi médico da Santa Casa, e pai da grande escritora brasileira, Júlia Lopes de Almeida (M.P.)  
Valentim José da Silveira Lopes, Visconde de São Valentim (título português). Nasceu em Lisboa em 1830 e faleceu no Rio de Janeiro em 1915. Em 1869, por motivos de saúde, passou a residir em Campinas, onde se destacou no estudo e combate à febre amarela, que em diversas ocasiões assolou a cidade. Pertenceu à *Academia de Medicina do Rio de Janeiro*. Sua filha, Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), casou-se com o poeta Francisco Filinto de Almeida, português de nascimento e membro da *Academia Brasileira de Letras*. Quando da visita de D. Pedro II a Campinas, o Dr. Valentim era o diretor do lazareto dos varicosos. Tendo sido duramente criticado pela *Gazeta de Campinas*, demitiu-se confiando a direção do hospital a seu auxiliar, Dr. Fernando Marinho de Azevedo o qual casou-se com uma filha de Antônio Carlos Sampaio Peixoto. (M.I.)
- (99) *O Misanthropo*, comédia de Molière, traduzida por Antônio Feliciano de Castilho, célebre escritor português. (M.I.)
- (100) Joaquim Bonifácio do Amaral, depois Barão e Visconde de Indaiatuba, foi um pioneiro da imigração estrangeira; de uma só vez deu liberdade a 175 escravos. Demoradamente visitou sua fazenda Sete Quedas, em Jaguari (hoje Jaguariuna), o nosso Imperador, onde, entre outras homenagens, assistiu a um grande bailado típico, folclore da terra de origem dos colonos, o que muito agradou. Sua Majestade fez questão de apertar as mãos de todos os trabalhadores e de visitar suas casas. (M.P.)
- (101) Pertenceu aos importantes fazendeiros Comendador João Elisiário de Carvalho Montenegro e João Manuel de Almeida Barbosa, que fundaram essa sociedade agrícola em 1873. A organização tinha por modelo a Colônia de Nova-Louzã, pertencente ao primeiro. (M.P.)
- (102) D. Maria Luzia de Sousa Aranha, Baronesa e Viscondessa de Campinas, nobre e caridossíssima senhora, cuja descendência é vasta e ilustre; foi a mãe do Marquês de Três Rios e da Baronesa de Itapura. Sua Majestade a agraciou com o título nobiliárquico: "em atenção aos relevantes serviços prestados à instrução pública e à humanidade em relação à guerra do Paraguai". (M.P.)
- (103) Barão, Visconde, Conde e Marquês de Três Rios, Joaquim Egídio de Sousa Aranha, notável chefe do Partido Liberal, parlamentar e Vice-Presidente que ocupou a presidência da Província de São Paulo; e Barão de Atibaia, Joaquim Antônio de Arruda, culto e prestigioso chefe conservador. (M.P.)
- (104) George Bentham (1800 — 1884) — Botânico inglês, autor do *Handbook of*

*British Flora e do Genera Plantarum*, em 7 volumes (1862-83), este em colaboração com Joseph Hooker. (M.I.)

(105) Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo, Barão Homem de Melo (1837-1918). Natural de Pindamonhangaba. Formou-se em 1858, em Direito pela *Faculdade de São Paulo*. Ocupou a presidência de várias Províncias, como a de São Paulo, Ceará e Rio Grande do Sul. Recebeu o título de Conselho do Imperador, ocupou a pasta da Guerra e a do Império. (M.I.)

(106) Luís Pedreira do Couto Ferraz, Visconde do Bom Retiro (1818-1886) — Formado em Direito pela Faculdade de São Paulo. Foi Conselheiro de Estado e Senador do Império. Governou as Províncias do Rio de Janeiro e do Espírito Santo e foi Ministro de Estado. A carta referida pelo Imperador é de 24 de agosto. Está conservada no *Arquivo Histórico do Museu Imperial*, e tem a seguinte cota: M. 174 — D. 7941.

“Senhor

“Agora peço licença para mui respeitosamente chamar a atenção de V.M.I. para o seguinte: Os jornais têm dado notícia de que a Câmara Municipal de S. Paulo nomeou uma comissão incumbida de tratar do monumento do Ipiranga. Não posso compreender isto, havendo uma comissão já nomeada há três para quatro anos. V.M.I. sabe que essa comissão não só promoveu logo uma subscrição na qual além de V.M.I. e de Sua Majestade a Imperatriz acham-se assinados o Marquês de Bonfim com 5 contos, o Barão de Mesquita com igual quantia, Barão de Sousa Queirós com 2 contos. O finado José Manuel da Fonseca com igual soma, o falecido Antonina com um conto de réis, e algumas pessoas com quantias menores; mas também mandou-me como seu presidente à província de S. Paulo com o Porto Alegre e ali chegamos, não paramos, fomos por vezes ao campo do Ipiranga onde a muito custo descobrimos o lugar onde outrora assentou-se uma pedra, por ser o ponto em que com mais fundamento se julgou que foi solto o Grande Grito *Independência ou Morte*. Feito isto dirigi-me a Campinas, a Itu e Sorocaba, prevenindo os ânimos dos mais abastados, a favor da idéia, e combinando nos nomes das pessoas que deviam formar as comissões municipais para o andamento em tempo oportuno da subscrição. Incumbi o Homem de Melo de animar as pessoas mais importantes do norte da província. Entendi-me com as influências das assembléias provinciais de S. Paulo e Rio de Janeiro para futuros auxílios, e por fim incumbi o Porto Alegre de fazer e mandar-nos da Europa o plano do monumento e das respectivas obras; do exame dos mármorez da província, e de informar-me sobre a vinda de operários habilitados para a extração dos mesmos mármorez e do seu polimento. Por outro lado, procurei o Ministro da Guerra, expus-lhe o que observei na fábrica de ferro de Ipanema; e pedi-lhe, e obtive que desse ao Munis (?) os meios de realizar naquele estabelecimento as obras de ferro de que carecesse o monumento.

“Tomou, pois, a comissão de que sou presidente, ao sério tão patriótica empresa; e se suspendeu o andamento da subscrição foi porque assentamos que ela teria mais efeito depois de aprovado o monumento, e calculado o máximo das despesas, e em segundo lugar atendendo a escassez de há quase dois anos para cá tem se dado no capital disponível, nos apuros da praça e dos capitalistas, e prejuízos que sofreram ultimamente os fazendeiros e capitalistas de S. Paulo.

“Tudo isto faço ver, com a devida vênia, só para que V.M.I. bem informado, possa dizer alguma coisa aos homens de S. Paulo se o julgar acertado, quando lhe tocarem no assunto.

"Resta-me pedir desculpa de tão longa exposição e da pressa com que é escrita em uma das mesas do Senado.

"Sou, Senhor, com o mais profundo acatamento de Vossa Majestade Imperial muito reverente súdito e fiel criado  
(M.I.)

*Luís Pedreira do Couto Ferraz*

- (107) Irmão do Visconde de Vergueiro, ambos dedicados a vinda do braço livre europeu. (M.P.)
- (108) Luís Correia de Azevedo. Nasceu em Portugal. Naturalizou-se brasileiro. Faleceu no Rio de Janeiro em 1879. Falava fluentemente vários idiomas. Publicou trabalhos sobre higiene pública. Foi médico do *Hospital Marítimo de Santa Isabel*, no Rio de Janeiro, mais tarde *Hospital Paula Cândido*. (M.I.)
- (109) O Senhor D. Pedro II inaugurava o primeiro trecho da *Companhia Mojiiana* e inspecionava outros trechos em construção, sempre empenhado em prestigiar as realizações do progresso dos transportes, como fator maior do desenvolvimento da riqueza do Brasil. (M.P.)
- (110) Oriundo de família campinense, futuro Barão de Pirapitingui, deixou grande e destacada geração, uma parte radicada em Campinas. (M.P.)
- (111) Sítio do Camargo — O Imperador, possivelmente, se refere à propriedade de Antônio Ferreira de Camargo, grande plantador de café nessa região. (M.I.)
- (112) Segundo Gilberto Ferrez — *A Fotografia no Brasil*, p. 78: "Em 1873, trabalhavam em São Paulo Carneiro & Gaspar, na Rua da Imperatriz nº 58", e acrescenta: "foram notáveis artistas trabalhando mais ou menos até 1890". (M.I.)
- (113) Na mesma viagem Sua Majestade repetia visitas a estabelecimentos de ensino, num zelo acendrado pela instrução. (M.P.)
- (114) Francisco Aurélio de Sousa Carvalho — Fazia parte do corpo de professores catedráticos das aulas preparatórias, lecionando Aritmética e Geometria. (M.I.)
- (115) Carlos Mariano Galvão Bueno (1834-1883). Filho de Francisco Mariano Galvão Bueno e Maria Eufrosina da Cruz Almada. Bacharel em ciências jurídicas e sociais. Dentre os seus trabalhos se destaca *Noções de filosofia, acomodadas ao sistema de Krause*. São Paulo, 1877. Morreu afogado no Rio Tamanduateí quando participava de uma pescaria. A doutrina de Krause, (Carlos Cristiano Frederico, 1781-1832) era por ele denominada *panenteísmo*, para distingui-la de *panteísmo*, procurando conciliar o teísmo com o panteísmo, vendo no mundo simples emanção, revelação ou realização de Deus. (M.I.)
- (116) Costa e Silva Sobrinho, em seu *Santos noutros tempos*, p. 423, conta que, em 18 de fevereiro de 1846, o Imperador e a Imperatriz estiveram em Santos cerca de sete dias, partindo para São Paulo no dia 25 às 6 horas da manhã. No trajeto, pernoitaram na fazenda do Ponto Alto, próxima de São Bernardo onde foram oficialmente recepçiona-

dos a pedido do Presidente da Província. O seu proprietário era o Comendador Antônio Martins dos Santos. (M.I.)

(117) Diogo de Mendonça Pinto (e não como diz o Imperador) nasceu em São Paulo em 1818. Bacharelou-se pela *Faculdade de Direito de São Paulo*, de onde se tornou lente da cadeira de Geografia e História do curso de preparatórios. Foi deputado provincial e inspetor da instrução pública. Faleceu em São Paulo em 1º de maio de 1892. (M.I.)

(118) Paulo Antônio do Vale. Natural de São Paulo, onde nasceu a 23 de janeiro de 1824. Formou-se em Direito em 1848. Foi lente de retórica do curso anexo da *Faculdade de Direito*. Lecionou também Filosofia Racional e Moral, História e Geografia. Faleceu a 9 de outubro de 1886. (M.I.)

(119) Estando construída a estrada de ferro do Rio às divisas da Província de São Paulo, tratava-se de construir uma estrada de São Paulo ao encontro de outra já feita. Sua Majestade visitou o que se havia terminado, e o Senhor Conde d'Eu veio, em 1877, inaugurar o término do trecho faltante. (M.P.)

Itaquera, então pequena localidade nos arredores de São Paulo. Hoje, contando aproximadamente 200.000 habitantes, é um dos distritos do município de São Paulo. (M.I.)

(120) Cândido Barata Ribeiro. Natural da Bahia. Foi comissionário vacinador provincial, ligado ao *Instituto Vacínico*. Residiu em Campinas, onde dirigiu o serviço médico-cirúrgico do *Hospital de Caridade*. Autor de vários trabalhos de sua especialidade. Dedicou-se à literatura, notadamente ao teatro, e sua peça, *O Segredo do lar*, foi encenada no *Teatro Lucinda* (RJ) em 6 de setembro de 1881. (M.I.).

(121) Deve ser o Cônego honrário da Capela Imperial, Monsenhor José Mendes de Paiva, natural de Portugal, mas naturalizado brasileiro. Dedicou-se à educação da juventude fundando o *Colégio Episcopal São Pedro de Alcântara*, onde ensinava Latim, Retórica, Filosofia e Teologia. Deixou vários trabalhos de caráter religioso e educacional. Faleceu em Petrópolis, a 12 de dezembro de 1886. (M.I.)

(122) O Cons. João da Silva Carrão nasceu em Curitiba a 14 de maio de 1810. Bacharelou-se pela *Faculdade de Direito de São Paulo*, em 1837. Foi lente da mesma Faculdade, e militou na imprensa como diretor de *O Farol Paulistano* e fundador de *O Americano*. Governou duas Províncias: a do Pará em 1857 e a de São Paulo em 1865. Ocupou a pasta da Fazenda no Gabinete de 1865, presidido pelo Marquês de Olinda. Faleceu a 4 de junho de 1885. (M.I.)

(123) Desde velhos tempos a Província de São Paulo se dedicava à indústria vinhateira. Hoje, núcleos viti-vinicultores, como São Roque, prosperam já com uma indústria sólida. (M.P.)

(124) O prédio da Cadeia de Santos é até hoje conservado; trata-se de construção antiga, de alto valor tradicional, tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico

Nacional, e que está sendo restaurado para abrigar um museu de história. (M.P.)

O prédio que abrigou a Câmara Municipal e a Cadeia, localizado na Praça dos Andradas, começou a ser construído em 1839 e levou mais de 30 anos para ser concluído. Posteriormente, a Câmara mudou-se para um sobrado no Largo do Marquês de Monte Alegre, instalando-se o Fórum nas dependências até então ocupadas pela Câmara. (M.I.)

(125) Uma das mais antigas Misericórdias (1543) do Brasil, foi fundada por Brás Cubas. O prédio visitado por Sua Majestade, foi demolido e substituído por outro muito mais vasto. (M.P.)

(126) José Carlos Palmeira. (M.I.)

(127) A velha matriz de Santos datava do século XVIII (1754). Foi demolida em 1908, em decorrência de acordo entre a Câmara Municipal e o bispado de São Paulo. (M.I.) (M.P.)

(128) Faleceu em 1546. (M.I.)

(129) Em Santos os Monarcas se hospedaram no palacete do Barão de Embaré, Antônio Ferreira da Silva Júnior. (M.I.)

(130) Os sambaquis sofreram arrasadora devastação. (M.P.)

(131) As cinzas de José Bonifácio transferidas de Niterói, onde faleceu, para Santos, foram recolhidas ao *Convento do Carmo*, primeiro junto ao altar-mor e depois na parte do convento onde ainda hoje descansam no *Panteão* erguido em sua memória. (M.I.)

(132) Hoje uma grande Igreja. (M.P.)

(133) Hoje instalada em vasto e moderno prédio. (M.P.)

(134) Os Imperadores permaneceram em Santos até o dia 30. Após conceder, às 3 horas da tarde, uma recepção ao Corpo Consular, dirigiram-se Suas Majestades, para bordo do vapor *América* que os levou de volta ao Rio, onde chegaram no dia 31. (M.I.)

(135) São Sebastião, porto que teve comércio notável, entrando, depois, em decadência; hoje prospera novamente como centro litorâneo de turismo e férias. Dele, se afastando na viagem marítima, nossos Imperadores deixaram São Paulo, Província que os recebeu com carinho e que os conservou sempre estimados pela maioria da sua população. (M.P.)